

**A compreensão sobre o contributo da literatura de guerra para
explicações nas Relações Internacionais**

Inês Sofia Ceia Oliveira

Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais

fevereiro de 2025

Índice

Abstract.....	3
Introdução.....	3
Capítulo I – Comportamento Humano.....	21
1.1. O primeiro nível de análise.....	22
1.2. Identificação das análises e passagens dos romances.....	31
Capítulo II – Estrutura interna dos Estados.....	40
2.1. O segundo nível de análise.....	40
2.2. Identificação das análises e passagens dos romances.....	49
Capítulo III – Sistema Internacional.....	59
3.1. O terceiro nível de análise.....	59
3.1.1. Stephanie Lawson: Kenneth Waltz and the Foundations of Neorealism.....	69
3.2. Identificação das análises e passagens dos romances.....	72
Conclusão.....	82
Bibliografia.....	85

Abstract

De uma forma geral, a lacuna que se identifica é a compreensão de que forma a literatura de guerra pode contribuir para explicações nas Relações Internacionais, e contribuir com conhecimento para a análise específica de literatura sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-18). Posto isto, tem-se dois estudos comparados que correspondem a duas obras literárias marcantes, escritas em países antagónicos, sobre o conflito em questão. De modo a expor as suas contribuições, evidencia-se a instrumentalização dos excertos das obras literárias com um racional da especialização em RI. Por conseguinte, recorre-se aos três níveis de análise definidos por Kenneth Waltz na obra *Man, the State and War*, que possibilitam justificar um quadro analítico em torno do “Comportamento Humano”, “Estrutura interna dos Estados” e “Sistema Internacional.

Assim sendo, cada um dos capítulos desta dissertação corresponde a um dos elementos, sendo os seus objetivos expor a identificação de análises e passagens dos romances que demonstram as características do pensamento de Waltz e servir ainda como hipóteses às perguntas derivadas apresentadas sobre as causas de conflitos e as causas de expansão dos mesmos nas duas obras. Além disso, recorre-se também a capítulo de Stephanie Lawson que explica esse pensamento e, de uma forma sucinta, justifica-se ainda a adoção de Waltz e não de outras teorias de Relações Internacionais devido aos elementos e níveis de análise que o mesmo proporciona e por critérios de exequibilidade da própria dissertação.

Introdução

Nesta dissertação, o tema abordado é a compreensão de que forma a literatura de guerra pode contribuir para explicações nas Relações Internacionais (RI). Por conseguinte, a definição do objeto de estudo é a análise de duas obras literárias marcantes, escritas em países antagónicos, sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-18), na qual pretende-se fazer uma comparação de elementos essenciais na literatura de RI. Esta introdução é composta por quatro secções: estado da arte, problematização, metodologia e estrutura da dissertação. A primeira refere-se à revisão de literatura que engloba a interação entre a literatura e as Relações Internacionais, o enquadramento histórico e a biografia sumária dos dois autores e a análise de algumas recensões críticas sobre as

obras. Por sua vez, a segunda evidencia a instrumentalização dos excertos das obras literárias com um racional da especialização em RI. Já a terceira, apresenta a forma como se elabora a investigação e quais as fontes bibliográficas que justificam a metodologia pretendida. Por último, finaliza-se com a estrutura da dissertação, onde se irá expor os principais alicerces que compõem a mesma.

Como foi mencionado anteriormente, o estado da arte inicia-se com a necessidade de relacionar melhor a forma como a literatura interage com as Relações Internacionais, de modo a expor a ligação entre a literatura de guerra e as RI. Posto isto, duas obras e um artigo serão citados: *Romantic narratives in international politics: Pirates, rebels and mercenaries* (2016), de Alexander Spencer, *The Poetics of International Politics, Fact and Fiction in Narratives Representations of World Affairs* (2019), de Milan Babík, e *Why We Need the Novel: Understanding World Politics Through Literature* (2013), de Raymond Taras.

Começando com a primeira obra, Spencer afirma que os seres humanos são animais que contam histórias e que esta capacidade de contar e compreender as mesmas nos distingue dos outros seres vivos deste planeta. No entanto, o conceito de narrativa continua a ser visto com alguma desconfiança, por parte da ciência política e das Relações Internacionais, uma vez que, se mantém o ceticismo quanto à forma como os conhecimentos dos estudos literários e da narratologia podem ajudar a responder a questões importantes da política (internacional). Por conseguinte, Spencer procura mostrar que a ciência política e as RI podem beneficiar com a adoção de uma perspetiva de narrativa presente nos estudos literários e na narratologia, realçando como certos entendimentos do mundo se tornam e permanecem dominantes, enquanto outros não conseguem ter um impacto significativo (Spencer, 2016, p.13).

De modo a compreender os supostos benefícios, é essencial analisar a definição do conceito de narrativa e como o mesmo pode ser aplicado em outros campos, tais como a psicologia e a história. Tanto os estudos literários como a narratologia destacam geralmente que as narrativas podem ser encontradas em quase todos os domínios da vida humana em que alguém nos fala de alguma coisa, sendo que as mesmas envolvem uma série de tipos de texto diferentes (escritos, orais e visuais), desde textos literários, como romances e poemas, a filmes, reportagens televisivas, comentários de jornais, manuais escolares e universitários e conversas da nossa vida quotidiana. Em seguida, Spencer demonstra as diferentes visões sobre o conceito de narrativa:

“While some simply understand a narrative as ‘someone telling someone else that something happened’, others stress the purpose of this telling: ‘Somebody telling somebody else on some occasion and for some purpose(s) that something happened’.” (Spencer, 2016, p.15)

Em ambos os entendimentos, a característica central de uma narrativa é a (re)produção de um acontecimento. Contudo, estes acontecimentos não ocorrem no vácuo, mas sim num cenário particular onde tem de haver algum tipo de ordem e ligação entre os acontecimentos dentro do mesmo. Posto isto, é possível definir a narrativa como a representação de um acontecimento ou de uma sequência de acontecimentos, na qual o tempo ou a sequência em que ocorre são tão importantes como o próprio acontecimento, e acrescenta também a noção de que o tempo não tem necessariamente de ser linear, mas que a sequência (temporal) dos acontecimentos tem de ter algum tipo de causalidade, dado que as narrativas são uma sequência percecionada de acontecimentos ligados de forma não aleatória. Além disso, as mesmas envolvem algum tipo de ator ou um agente humano, na medida que as próprias se enraízam na experiência vivida e sentida desses agentes humanos que interagem de forma contínua com os seus companheiros e com o ambiente que os rodeia (Spencer, 2016, pp.15-17).

Por sua vez, o campo da narratologia faz uma distinção entre história e discurso narrativo, sendo que a diferença entre ambos é que a história é compreendida como um esboço básico dos eventos fundamentais do que aconteceu numa ordem cronológica, juntamente com uma descrição muito breve das personagens envolvidas, na qual a mesma pode ser considerada o esqueleto das narrativas, representando o “quê”. Em contrapartida, o discurso narrativo inclui todos os elementos que o autor de um texto utiliza para apresentar a história de partida, correspondendo ao “como”. Por conseguinte, o conceito de narrativa alargou-se a outras disciplinas, como por exemplo, o direito, a sociologia, a psicologia e a história, e tornou-se um tema de investigação interdisciplinar. Contudo, as duas últimas áreas são de particular importância, porque indicam o porquê e o como as narrativas se tornam interessantes para a ciência política e as Relações Internacionais (Spencer, 2016, pp.17-18).

A psicologia defende que os seres humanos pensam e percecionam o mundo que os rodeia sob a forma de narrativa e dão sentido às suas ações e escolhas através de estruturas de narrativas, dentro das quais inventam histórias sobre experiências aleatórias, criando assim uma relação de causalidade. Além disso, a psicologia centra-se na ligação

entre a narrativa e a cognição humana, uma vez que, considera que as mesmas refletem e são constitutivas dos processos cognitivos do cérebro humano, estruturando assim a experiência humana. Por conseguinte, as narrativas são cruciais não só para o comportamento humano a nível individual, mas também perspicazes quando aplicadas ao nível societal e internacional do comportamento humano mais comumente analisado na ciência política e nas RI, sobretudo, no seu papel de influenciar a ideologia e a identidade política através de um conhecimento comum da história (Spencer, 2016, pp.19-20).

Relativamente ao campo da história, Hayden White salienta, desde o final da década de 70, que a escrita da história, como base para a construção da identidade cultural, assume geralmente uma forma de narrativa e que as narrativas históricas são ficções verbais. White argumenta ainda que não há forma de apresentar objetivamente a história como ela realmente aconteceu, porque os historiadores produzem apenas uma interpretação da história. Por um lado, isto significa excluir determinados aspetos da narrativa, dado que o historiador decide quais os elementos que são importantes e merecem ser contados, enquanto outros são postos de lado ou nem sequer são mencionados. Por outro, o historiador tem de interpretar os acontecimentos e proporcionar explicações para o facto de as coisas terem acontecido tal como são narradas, nas quais o mesmo tem de preencher as lacunas da sua informação através de inferências ou especulações (Spencer, 2016, pp.20-21).

De uma forma sucinta, a psicologia e a história proporcionam duas razões que explicam a importância das narrativas para a ciência política e as Relações Internacionais: uma perspetiva cognitiva baseada nos conhecimentos da psicologia de narrativa e uma perspetiva cultural inspirada na investigação sobre narrativas históricas. Relativamente à primeira, a perspetiva cognitiva salienta que as narrativas são uma parte fundamental da cognição humana, pois, as mesmas são consideradas parte da atividade mental e dão sentido às experiências. À semelhança das metáforas ou analogias, já adotadas no domínio da política e das RI, as narrativas ilustram um processo cognitivo de dar sentido ao mundo através da narração, visto que os seres humanos consideram geralmente a sua vida como uma história mais ou menos coerente. Em relação à segunda perspetiva, as narrativas são um fenómeno culturalmente enraizado que faz parte de todas as sociedades, ou seja, os mitos e as histórias do passado são uma parte essencial de todas as formas de construção de comunidades, nações ou Estados em que se procura a constituição de uma identidade comum (Spencer, 2016, p.23).

Ao juntar estas duas perspectivas, pode-se argumentar que tanto os indivíduos como as comunidades fazem sentido de si próprios e do mundo social que os rodeia através de narrativas que constituem as suas identidades. Por conseguinte, a análise de narrativas é importante para a ciência política e as Relações Internacionais, dado que é relevante para a compreensão da realidade política e essencial para explicar ou compreender o comportamento político a todos os níveis da vida política numa comunidade. Assim sendo, Spencer procura ilustrar a forma como as narrativas se enquadram na teoria construtivista das RI, ao associar os elementos narrativos do cenário à ideia teórica de uma realidade socialmente construída, a caracterização à construção da identidade e o enredo à crença na co-constituição do agente e da estrutura (Spencer, 2016, pp.24-25).

Contudo, antes de prosseguir, é necessário compreender melhor os pressupostos inerentes a esta abordagem e, por conseguinte, a obra citada é *Theories of International Relations* (2005), de Scott Burchill, Christian Reus-Smit e Andrew Linklater (et al.), na qual Reus-Smit é o autor que aborda esta teoria. Motivada pela ascensão de uma nova escola de pensamento construtivista, o fim da Guerra Fria produziu uma grande reconfiguração dos debates no seio do discurso dominante americano sobre a teoria de Relações Internacionais. Por sua vez, Reus-Smit argumentou que o construtivismo deve ser visto como uma consequência da teoria crítica internacional e procurou explicitamente aplicar os conhecimentos dessa teoria para iluminar diversos aspetos da política mundial. Assim sendo, os construtivistas procuraram articular e explorar três proposições ontológicas centrais sobre a vida social que, segundo eles, esclarecem mais sobre a política mundial do que os pressupostos racionalistas (Reus-Smit, 2005, pp.194-196).

Em primeiro lugar, com base no facto de que as estruturas moldam o comportamento social e os atores políticos, sejam eles indivíduos ou Estados, os construtivistas defendem que as estruturas normativas ou ideacionais são tão importantes como as estruturas materiais. Enquanto os neorrealistas enfatizam a estrutura material do equilíbrio de poder militar e os marxistas destacam a estrutura material da economia capitalista mundial, por sua vez, os construtivistas argumentam que os sistemas de partilha de ideias, crenças e valores têm também características estruturais e que exercem uma poderosa influência na ação social e política. Além disso, eles salientam também a importância destas estruturas, porque estas são pensadas para moldar as identidades

sociais dos atores políticos, ou seja, as normas do sistema internacional condicionam a identidade social do Estado soberano (Reus-Smit, 2005, p.196).

Em segundo lugar, os construtivistas argumentam que a compreensão de como as estruturas não-materiais condicionam as identidades dos atores é relevante, pois, é a partir delas que se tem conhecimento dos seus interesses e, por conseguinte, das suas ações. Por sua vez, os racionalistas acreditam que os interesses dos atores são exogenamente determinados, ou seja, os atores encontram-se uns com os outros já com um conjunto de preferências pré-existente. Como os neorrealistas e os neoliberais apenas se focam em como os atores perseguem os seus interesses de forma estratégica, não tendo qualquer interesse na origem dessas preferências, eles percebem a sociedade, tanto nacional como internacional, como um domínio estratégico, onde os atores previamente constituídos alcançam os seus objetivos. Em contraste, os construtivistas alegam que a compreensão pelo desenvolvimento dos interesses dos atores é crucial para explicar uma grande variedade de fenómenos políticos internacionais, e para explicar a formação de interesse, os mesmos focam-se nas identidades sociais dos indivíduos ou dos Estados (Reus-Smit, 2005, p.197).

Por último, os construtivistas afirmam que os agentes e as estruturas são mutuamente constituídas. As estruturas normativas e ideacionais podem condicionar as identidades e os interesses dos atores, mas as mesmas não existiriam se não fosse pelas práticas de conhecimento desses atores. Após uma reflexão, os construtivistas são melhor classificados como estruturadores, uma vez que, enfatizam o impacto das estruturas não-materiais nas identidades e interesses, assim como dão igual importância ao papel das práticas na manutenção e transformação das mesmas (Reus-Smit, 2005, p.197).

Após esta breve introdução sobre a teoria em questão, o foco volta-se de novo para a obra de Spencer. Um dos pressupostos centrais do construtivismo nas RI é a noção de uma realidade socialmente construída, que está de acordo com aquilo que a narratologia se refere como a atividade de construção do mundo, na qual a ideia de cenário é um elemento central. Por sua vez, as abordagens construtivistas defendem que o mundo social da política (internacional) não é um objeto físico ou material que existe por si só, mas sim uma construção social constituída por entendimentos e significados, bem como por um conjunto de normas que se desenvolveram num determinado contexto histórico. Além disso, num mundo socialmente construído, todos os fenómenos e relações sociais

dependem de uma teia de significados e práticas que os constituem, ou seja, a narrativa pode aqui ser entendida como reflexiva e constitutiva da mesma (Spencer, 2016, p.26).

É através do discurso que os seres humanos constituem o mundo que os rodeia e são as narrativas que oferecem um método de dar sentido ao mundo, na medida que são tão naturais como uma forma de traduzir o conhecimento em narração. As mesmas são ainda um modo específico de representar e constituir o mundo, porque contêm o que é coerente e plausível numa dada cultura, e a sua constituição da realidade é auxiliada pela criação de um cenário específico que pode tornar-se parte da ação e proporciona uma visão sobre as razões pelas quais as personagens são como são e porque praticam as suas ações de uma determinada forma (Spencer, 2016, pp.27-28).

A compreensão do eu e do outro como parte integrante da identidade é fundamental para as abordagens construtivistas, porque sustentam que as identidades dos atores são constituídas pelas ideias e normas institucionalizadas do ambiente social em que existem e atuam, enquanto a narratologia acrescenta que as mesmas estão incorporadas e só se tornam visíveis nas narrativas. No âmbito do construtivismo orientado para o discurso, a identidade é normalmente constituída através de uma relação dicotómica entre o eu e o outro, em que a constituição do não-eu através do outro é essencial para a construção do eu, na medida em que faculta um meio de criar características comuns em oposição a outra coisa (Spencer, 2016, pp.28-29).

Por sua vez, as narrativas acrescentam a possibilidade de romper esse entendimento puramente dicotómico, ao propor uma compreensão intermédia baseada no termo da alteridade que está mais relacionado com a constituição do eu em contraste e em combinação com o outro, neste caso, o agente, o acontecimento ou o cenário do texto. Posto isto, o conceito de alteridade providencia não só a possibilidade de constituição do eu e do outro numa dicotomia positivo-negativo, mas também a hipótese de imaginar uma imagem positiva do outro de que queremos fazer parte, ou seja, não se trata de uma questão de nós contra o outro, mas de uma combinação de parcialmente nós e parcialmente outro. Além disso, as narrativas constituem não só a identidade como uma imagem estática do eu, mas também incluem o que consideram ser o comportamento adequado numa dada situação, isto é, as estruturas normativas moldam o comportamento dos atores sociais e políticos, tais como os indivíduos e os Estados (Spencer, 2016, pp.29-30).

Uma terceira característica do construtivismo é a co-constituição do agente e da estrutura que pode ser integrada naquilo que a narratologia entende por enredo, visto que oferece uma compreensão do modo como o contexto, os atores e os acontecimentos de uma história se articulam. Assim sendo, o mesmo providencia um contexto abrangente e torna os acontecimentos, as personagens e o seu comportamento coerentes e inteligíveis, porque apresenta uma explicação ou razão para o facto de os cenários ou as personagens serem como são e de se comportarem de determinada forma. Diversas abordagens construtivistas partem geralmente do princípio de que a estrutura e os agentes se constituem mutuamente, ou seja, as estruturas ideacionais condicionam as identidades e os interesses dos atores, mas as mesmas não existiriam se os atores não agissem de acordo com as práticas que estas estruturas prescrevem na interação com outros atores. Por conseguinte, a co-constituição de agentes e estrutura nas perspetivas construtivistas significa que as ações dos atores contribuem para a criação de ideias e normas institucionalizadas do sistema internacional, enquanto as mesmas contribuem para socializar, definir e influenciar os atores desse sistema (Spencer, 2016, pp.32-33).

Numa perspetiva de narrativa, as ações e os acontecimentos tornam-se essenciais e significativos para uma narrativa quando são representados por um ator em cenários. Por conseguinte, a narratologia distingue duas dimensões, temporal e causal, sendo que na primeira é possível diferenciar entre ordem, duração e frequência. Por sua vez, a dimensão causal tem um interesse mais evidente para os teóricos de Relações Internacionais, uma vez que, não estão apenas interessados nos elementos acima mencionados, mas sim na relação causal entre agentes, acontecimentos e ações, pois, é através do enredo dos acontecimentos e das ações das personagens perante um cenário que estes adquirem um significado narrativo (Spencer, 2016, pp.33-34).

Para concluir, resta analisar a questão relacionada com a razão pela qual determinadas narrativas se tornam dominantes enquanto outras têm menos sucesso em estabelecer-se. Observando tudo o que foi referido anteriormente, pode-se afirmar que nunca há apenas uma narrativa sobre um determinado acontecimento, por isso existe muitas histórias disponíveis e em contestação, dado que diferentes indivíduos e grupos tentam assegurar o direito de narrar em nome de nós, enquanto tentam cooptar ou excluir e marginalizar os discursos concorrentes. Posto isto, a narratologia aponta para o nível do narrador e da história, como métodos de reflexão sobre as razões do sucesso e do fracasso (Spencer, 2016, pp.35-37).

No que respeita ao narrador, há quem defenda que o sucesso de uma narrativa se deve à capacidade e ao poder do mesmo que conta a história. Contudo, os críticos desta abordagem destacam que os atores têm um poder limitado sobre as narrativas, porque não podem manipulá-las livremente para promover os seus interesses, uma vez que, estão inextricavelmente ligados às narrativas que os rodeiam. Relativamente ao nível da história, existe quem defenda critérios específicos para determinar o que faz uma boa ou má história, porque as narrativas são uma versão da realidade cuja aceitabilidade é regida, não tanto pela verificação empírica e pela exigência lógica, mas sim pela convenção e pela necessidade de narrativa. De modo a alcançar a verosimilhança, as narrativas têm de seguir certas expectativas pré-existentes do público e enraizadas nas narrativas culturais existentes, ou seja, a aceitação das mesmas depende da sua ligação a narrativas estabelecidas (Spencer, 2016, pp.37-38).

Por sua vez, Milan Babík procura demonstrar na sua obra o papel das histórias na representação da realidade através da teoria de narrativa. O autor recorre à obra de Aristóteles, *Poetics*, na qual desenvolveu um modelo de enredo que, apesar de se centrar na tragédia grega antiga, é aplicável a qualquer composição que possa ser chamada de narrativa. Como tal, a mesma oferece um ponto de partida para discutir o papel das histórias na representação da realidade, por um lado, em preparação para o desenvolvimento da poética da política internacional: as ficções do discurso factual das RI e, por outro, as inspirações e implicações factuais das narrativas ficcionais dos assuntos mundiais (Babík, 2019, p.18).

Esta obra tem o objetivo de instruir os poetas gregos na arte de criar enredos, pois, se esta arte se resumisse a simples reproduções da realidade, não seria necessária qualquer instrução sofisticada, na medida que os poetas limitar-se-iam a transcrever acontecimentos e a entregar as suas cópias ao público sob a forma de poemas épicos ou de peças dramáticas. Assim sendo, na perspetiva de Aristóteles, os conceitos *poiēsis*¹, *poiēma*² e *poiētes*³ indicam que a arte poética requer uma participação intensiva e uma contribuição genuína do poeta. Além disso, o mesmo problema aflige a *mimēsis*, na qual o seu uso revela que Aristóteles abandonou a definição platónica de *mimēsis* como imitação passiva em favor de uma conceção muito mais ativa: *mimēsis* como um processo

¹ O processo ou atividade de fazer.

² Uma coisa feita.

³ Um criador.

de fabricação imaginativa. Na medida que Aristóteles percebe a realidade como caótica e ininteligível, os poetas, de modo a representar a ação, têm de a criar, na qual o enredo (*muthos*) é tão central para a arte poética que Aristóteles o proclama como o primeiro princípio da tragédia (Babík, 2019, pp.19-20).

Os enredos bem construídos possuem integridade, objetivo e unidade, e, para poder alcançar a primeira, pressupõe-se a presença de um objetivo claro e abrangente (*telos*) que orienta o enredo em primeiro lugar. Este requisito teleológico assinala o papel político-prático dos enredos e histórias na sociedade grega antiga de moldar a consciência da realidade política do público, dado que ao promoverem um *telos* específico e ao comunicarem-no de forma convincente, os dramas e as epopeias corretamente compostos funcionam como instrumentos, sobretudo, no poder de persuadir através da linguagem e da narrativa (Babík, 2019, pp.20-21).

No entanto, é necessário analisar a aplicabilidade da *Poética* para além das narrativas ficcionais para as factuais, uma vez que, Aristóteles afirma que o objeto da poesia épica e dramática não se restringe a pessoas e acontecimentos imaginários. Para concluir, alguns teóricos pós-modernistas sugerem que a *Poética* de Aristóteles é um prelúdio fundamental para toda a viragem linguística e que a sua obra pode chamar-se a Teoria de Narrativa de Aristóteles (Babík, 2019, pp.22-23).

Babík coloca o foco em Hayden White que dedicou todas as suas energias a mapear a poética da composição dos textos históricos e a desenvolver o conteúdo não empírico silencioso que lhes é conferido em virtude da sua estrutura de narrativa, ficando conhecida como a teoria narrativista da representação histórica. No centro da mesma está a noção de que as histórias são contadas ou escritas e White considera a existência temporal nua e crua como caótica, confusa, cheia de contradições e desprovida de qualquer significado, isto é, os padrões, o significado e a ação só emergem através da poética e da narração. Na medida que o ofício dos historiadores envolve os processos mentais imaginativos e as técnicas literárias do romancista, pode-se afirmar que as estratégias usadas por ambos podem ser demonstradas como sendo as mesmas, dado que a história não é menos uma forma de ficção do que o romance é uma forma de representação histórica (Babík, 2019, pp.24-26).

Nesta tese narrativista, o conteúdo da forma passa para primeiro plano, porque é através do mesmo que a ficção se infiltra nas representações factuais e os mesmos têm

de apresentar uma estrutura de narrativa. A sua característica distintiva é o juízo sinóptico, que permite ao historiador reunir acontecimentos que tiveram lugar numa sequência temporal, concebê-los como um todo único e complexo e comunicar a imagem mental ao público na sequência narrativa de uma história compreensível. Outro elemento que resulta do processo cognitivo de reunir factos díspares sobre o passado e de os coligar em histórias unificadas são as substâncias narrativas, cuja característica fundamental é serem autónomas, no sentido de não corresponderem a nada na realidade histórica (Babík, 2019, pp.27-28).

Quando se trata de avaliar as narrativas históricas, os padrões da ciência e da lógica silogística não bastam por si sós, tornado necessário o aparecimento da lógica tropológica. Com a sua obra *Metahistory*, White tornou-se o primeiro teórico da história a introduzir um quadro tropológico completo para a análise da historiografia de narrativa, na qual a definição da tropologia é a compreensão teórica do discurso imaginativo, de todas as formas pelas quais vários tipos de figurações produzem imagens e conexões entre imagens capazes de servir como símbolos de uma realidade que só pode ser imaginada e não diretamente percebida (Babík, 2019, p.30).

Esta lente é composta por dois aspetos fundamentais, sendo a primeira a prefiguração poética, na qual a mente do historiador inicia o seu envolvimento com o campo dos fenómenos passados, constituindo-o como um objeto de perceção mental, e a mesma é guiada pela metáfora, metonímia, sínecdoque e ironia. A segunda pode ser subdividida em três níveis: explicação por um enredo narrativo, argumento formal e implicação ideológica. O enredo é a maneira pela qual uma sequência de acontecimentos se revela gradualmente como uma história de um tipo particular, tendo como principais géneros o romance, a tragédia, a comédia e a sátira. Por sua vez, o argumento formal gera sentido através da introdução de princípios específicos que regem a agregação e classificação de fenómenos históricos, sendo os principais paradigmas o formismo, o organicismo, o mecanicismo e o contextualismo. Quanto à camada ideológica das narrativas históricas, ela reflete o elemento ético na assunção pelo historiador de uma posição particular sobre a questão das implicações que podem ser retiradas do estudo de acontecimentos passados para a compreensão dos presentes (Babík, 2019, pp.31-32).

Após a análise sobre os principais componentes desta teoria histórica de narrativa, a verdade é que a mesma não consegue ter um impacto significativo face ao campo das Relações Internacionais. Contudo, o facto de a maioria dos académicos de RI tratar a

arena da política mundial como uma realidade pré-formada independente dos seus desejos e prontamente disponível para uma análise científica orientada para as políticas, não significa que a história esteja ausente do seu pensamento, apenas a narram implicitamente de uma forma particular. Posto isto, em nenhum outro lugar do discurso académico dominante das Relações Internacionais estas escolhas poéticas aparecem de forma mais evidente do que na noção de anarquia, amplamente usada em todo o campo para descrever a estrutura essencial do sistema internacional (Babík, 2019, pp.44-45).

Por último, Raymond Taras procura explicar o porquê de se precisar do romance, afirmando que recrutar a ficção para ajudar as RI não é uma mudança paradigmática, mas antes uma extensão de uma estratégia interdisciplinar para analisar problemas complexos, na qual o rigor metodológico apreciado pela ciência política pode ser misturado com o carácter aberto que caracteriza os estudos literários. Além disso, dado o lobby dos STEM⁴, são necessárias mais obras de ficção para compreender a política mundial, pois, a ciência política partilha um interesse com a literatura, não só para evitar que fatores ideológicos determinem o valor de uma disciplina, mas também para desenvolver uma compreensão cognitiva multifacetada do mundo (Taras, 2013, p.187).

De modo a demonstrar o papel da ficção na pesquisa da ciência política, Taras começa pela afirmação de Aristóteles sobre a poesia ter mais autoridade do que o método histórico, uma vez que, a mesma ordena a história de forma abstrata, transmitindo assim verdades profundas em vez de meros relatos descritivos. Por sua vez, a literatura é referida como sendo o avanço da sabedoria da incerteza, dentro da qual o romance deu forma ao conceito ocidental de liberdade e os romancistas usam as palavras para dizer a verdade, ao contrário dos políticos que raramente o fazem. Posto isto, se muitos romancistas afirmam que uma das funções da literatura é aproximar-se da verdade e adquirir sabedoria, também fazem uma suposição humanista liberal sobre a capacidade da arte para ser uma força para o bem e, por conseguinte, a escola liberal internacionalista das Relações Internacionais partilha esta afinidade normativa com a literatura mundial (Taras, 2013, p.188).

Embora diversos escritores de ficção abordem diretamente o tema da política ou se envolvam em atividades políticas, não é a política nas suas obras que tem atraído os leitores, ou seja, os romances atraem leitores quando são obras convincentes da

⁴ Science, Technology, Engineering and Mathematics Education Coalition (STEM-EC).

imaginação humana, nas quais introduzem os seus temas políticos como parte da sua exploração. No entanto, um manifesto político mascarado de obra literária não é uma narrativa fiável, porque lhe faltam as qualidades estéticas que enredam e prendem o leitor, dado que são elas que atraem o leitor para a realidade complexa e conflituosa em que a história encontra múltiplos pontos de ramificação ao longo dos quais pode viajar. Além disso, a forma como a ficção e a política percecionam a lógica é razão suficiente para combinar os pontos fortes de ambos, por um lado, os romances traçam clivagens culturais e políticas subterrâneas no seio de uma sociedade, por outro, a política joga as disputas num universo dualista e binário que visa vencer um adversário e não descobrir verdades absolutas (Taras, 2013, pp.189-190).

Em conclusão, Taras realça a ocorrência recente de uma viragem cultural nas RI, na qual tanto as relações entre Estados como as representações estéticas dessas relações tornaram-se parte legítima do objeto de Relações Internacionais. Por sua vez, a literatura mundial fornece um conjunto de informações sobre as culturas, os percursos e os valores das diferentes sociedades, sendo que a mesma pode transmitir não só a importância de acontecimentos contingentes que fazem história, mas também o espírito de uma época (Taras, 2013, p.191).

Após ter ficado com uma ideia mais clara da ligação entre a literatura e as RI, é fundamental compreender o fenómeno da Primeira Guerra Mundial (I GM), uma vez que, é o enquadramento histórico e contextual desta dissertação. Antes do início da mesma, já existiam diversas causas que poderiam originar este conflito, tais como o declínio da velha ordem na Europa, a hegemonia dos reis e dos imperadores, o vírus do nacionalismo e a procura de colónias. Contudo, a longa série de crises diplomáticas sobre os atritos entre as grandes potências nos Balcãs seriam o palco para o gatilho que iniciaria a Grande Guerra, pois, a instabilidade política neste território ameaçava destruir as alianças existentes, por um lado, a Triple Entente, composta pela França, Grã-Bretanha e Rússia, e, por outro, a aliança entre a Alemanha e a Áustria-Hungria (The New York Times, 1964).

A 28 de junho de 1914, o Arquiduque Franz Ferdinand, herdeiro do Império Austro-Húngaro, e a sua mulher Sophie, foram mortos a tiro pelo nacionalista sérvio Gavrilo Princip em Sarajevo, Bósnia. Por conseguinte, o assassinato e a ligação de conspiradores ao Estado-maior sérvio proporcionaram a Viena a oportunidade de resolver a questão do nacionalismo sérvio de uma vez por todas. Porém, como a Sérvia tinha o

apoio da Rússia, a Áustria-Hungria teve de adiar a sua declaração de guerra até que os seus líderes recebessem do líder alemão, Kaiser Wilhelm II, a garantia de que a Alemanha apoiaria a sua causa. Assim sendo, a 5 de julho, o Kaiser deu um “cheque em branco” à Áustria-Hungria, que garantia o apoio total da Alemanha em caso de guerra (The New York Times, 1964).

Posto isto, a Monarquia Dual da Áustria-Hungria enviou um ultimato à Sérvia, sendo que o mesmo não viria a ser aceite e com o governo sérvio a ordenar a mobilização do seu exército, a 28 de julho, a Áustria-Hungria declarou guerra à Sérvia. A 1 de agosto, seria a vez da Alemanha declarar guerra à Rússia e a mesma lançou o seu ataque contra a França, através da invasão da Bélgica. Com a violação da neutralidade belga, a Grã-Bretanha enviou um ultimato à Alemanha, mas não tendo uma resposta, a própria viu-se obrigada a entrar em estado de guerra com o Império Alemão (The New York Times, 1964).

De uma forma sucinta, este conflito seria combatido por duas alianças: as Potências Centrais, composto pela Alemanha, Áustria-Hungria e Império Otomano, e os Aliados, constituído pela Grã-Bretanha, França, Rússia, Itália e Estados Unidos, sendo que o último só entraria na guerra, em 1917. Esta guerra ficaria marcada pelas batalhas travadas nas trincheiras e pelo aparecimento de nova tecnologia, como por exemplo, a metralhadora e o tanque. Ao fim de quatro anos de conflito, a Alemanha foi finalmente forçada a pedir um armistício a 11 de novembro de 1918, pondo fim à Primeira Guerra Mundial e, a 28 de junho de 1919, assinou-se o Tratado de Versalhes. De uma forma geral, a I GM custou a vida a quase nove milhões de soldados, milhões de civis pereceram e vinte a vinte e dois milhões ficaram marcados com as cicatrizes dos ferimentos permanentemente. Além disso, a mesma provocou a queda de quatro dinastias imperiais: Alemanha, Áustria-Hungria, Rússia e Turquia (The New York Times, 1964).

Por fim, o foco volta-se para as duas obras literárias em questão, onde haverá uma biografia sumária dos dois autores e a análise de algumas recensões críticas sobre as mesmas. O primeiro é Ernest Hemingway que nasceu em Oak Park, Illinois, EUA, a 21 de julho de 1899, filho de Clarence Edmonds Hemingway e de Grace Hall. Hemingway frequentou o liceu de Oak Park, não tendo ido para a universidade, e pouco tempo depois entrou no negócio dos jornais. Quando tinha dezanove anos foi para França como motorista de ambulância da Cruz Vermelha e, um ano mais tarde, foi gravemente baleado em Itália. Após a Primeira Guerra Mundial, passou a maior parte do seu tempo na Europa,

com visitas aos Estados Unidos e a África para caçar, pescar e ver amigos e conhecidos (O'Hara, 1950).

Entre 1925 e 1961, Hemingway mudou a face da ficção americana e tornou-se uma figura pública amplamente reconhecida através do sucesso dos seus romances, como por exemplo, *A Farewell to Arms* (1929), que, apesar da controvérsia envolta na obra, é citada por historiadores, políticos, cientistas sociais e estudiosos da cultura como um documento principal quando discutem os efeitos da Primeira Guerra Mundial na América. No ano de 1937, Hemingway esteve em Madrid a relatar a guerra civil que o governo socialista eleito estava a travar contra as forças fascistas invasoras do General Franco. Embora o seu distanciamento jornalístico impedisse que as suas notícias revelassem a sua posição face ao conflito, Hemingway afirmava que o fascismo era um inimigo que devia ser combatido com todos os meios disponíveis. Em 1954, Hemingway recebeu o Prémio Nobel da Literatura e, nesse mesmo ano, ele e a sua mulher Mary ficaram gravemente feridos num acidente de avião em África. Estando afastado das notícias durante os últimos cinco anos da sua vida devido a problemas de saúde, Ernest Hemingway acabaria por se suicidar, no dia 2 de julho de 1961 (Reynolds, 1999).

Erich Maria Remarque nasceu em Osnabrück, Alemanha, a 22 de junho de 1898, filho de Peter Maria Remarque e Anna Maria. Remarque foi educado nessa mesma cidade e, mais tarde, iria para a Universidade de Milstein. Aos dezoito anos, foi recrutado para o exército alemão, servindo na frente ocidental, na qual feriu-se cinco vezes, e, após a mesma, Remarque exerceu uma série de trabalhos, tais como professor e redator publicitário. Em 1929, publicou o seu romance *Im Westen Nichts Neues*, conhecido também por *All Quiet on the Western Front*, que viria a ser considerado como uma das melhores obras sobre I GM. Contudo, os nazis condenaram o romance, atirando-o para uma fogueira de literatura “censurável” em frente à Universidade de Berlim, a 10 de maio de 1933, pois, o mesmo demonstrava traição para com os soldados alemães da Primeira Guerra Mundial. O seu exílio tornou-se permanente em 1938, na cidade de Porto Ronco, quando os nazis lhe privaram a cidadania alemã. Já naturalizado americano, Remarque faleceu a 25 de setembro de 1970 devido a um colapso cardíaco, em Locarno, Suíça (The New York Times, 1970).

Analisando as duas obras literárias, estes dois autores estavam conscientes de que a guerra já não podia ser narrada de uma forma tradicional, porque aquilo que tinham assistido era um acontecimento histórico que rompia completamente com o passado

(Fortunati, 2004, p.53). Em 1917, Remarque lutou na frente de batalha no noroeste de França, em Verdun, e a sua obra, *All Quiet on the Western Front*, é definida como um “romance de confissão”. Já o romance de Hemingway, *A Farewell to Arms*, é uma representação ficcionada das suas experiências em Itália como voluntário de uma ambulância da Cruz Vermelha. Estas obras viriam a definir a “geração perdida”, na qual há um inconfundível espírito de revolta contra os falsos mestres que cantaram os louvores da guerra e usaram a sua retórica romântica e idealista para empurrar jovens como eles para uma “aventura” tão trágica. Por conseguinte, estes romances são testemunhos de corpos mutilados, do cinismo e da ineficácia dos generais de topo que enviaram milhares de jovens para a morte e, neste sentido, podem ser considerados como uma acusação contra as nações e as ideologias que elogiaram a guerra (Fortunati, 2004, p.56).

Olhando de forma mais concreta cada uma das obras, Ernest Hemingway situa o cenário do seu novo romance na Europa e foca-se em certos anos e fases da própria guerra, ou seja, *A Farewell to Arms* ocupa uma fase da guerra ainda não muito usada, o colapso da frente italiana em 1917. Posto isto, a obra é composta por dois elementos-chave, sendo o primeiro sobre o amor do tenente Henry pela enfermeira Catherine Barkley que prevalece por quase todo o romance e o mesmo é descrito como poético, idílico e trágico. O segundo elemento está relacionado com o retiro de Caporetto, que constitui o pano de fundo de toda uma parte do romance e fornece a ação, tornando assim uma peça magistral de narração descritiva. É nesta fuga que Henry deserta, após ter assistido ao fuzilamento de oficiais acusados de abandonar as suas tropas pela polícia de combate, declarando ainda uma “paz separada” (Hutchison, 1929).

Aqui está presente o cerne da controvérsia envolta nesta obra devido ao facto de o leitor ter de perceber o protagonista como um desertor de guerra e não como um herói. Por outras palavras, Hemingway pretende desprezar o heroísmo nesta ficção ao demonstrar que os homens desertaram durante a guerra e, além disso, como o tenente Henry estava no serviço de ambulâncias, ele não era um oficial de linha. De uma forma sucinta, esta obra de Hemingway representa uma nova arte, onde o emprego na ficção de operações de cesariana e a menção de partes anatómicas obscuras tornaram-se comuns (Hutchison, 1929).

Entre 1928 e 1930, a Alemanha e a Grã-Bretanha, em especial, e a França e a América, em menor escala, registaram um súbito e notável “boom” de livros, peças de teatro e filmes de guerra. Um romance que esteve no centro do boom foi o *All Quiet on*

the Western Front de Remarque que desencadeou um debate intenso sobre a essência da experiência de guerra (Eksteins, 1980, p.345). Contudo, muito poucos críticos notaram que o *All Quiet* não era um romance sobre os acontecimentos da guerra ou um livro de memórias, mas sim uma declaração revoltada do pós-guerra sobre os efeitos da guerra na geração jovem que a viveu. As cenas e as imagens foram escolhidas com o objetivo de ilustrar a forma como o conflito destruiu os laços psicológicos, morais e reais entre a geração da frente e a sociedade nacional. Por isso, esta obra é mais um comentário sobre o espírito pós-guerra e sobre a visão da guerra no pós-guerra, do que uma tentativa de reconstruir a realidade da experiência das trincheiras, na medida que este romance é um sintoma da confusão e da desorientação do mundo pós-guerra onde um homem não consegue encontrar o seu lugar na sociedade (Eksteins, 1980, p.351).

De uma forma sucinta, a lacuna que se identifica é a compreensão de que forma a literatura de guerra pode contribuir para explicações nas Relações Internacionais, e contribuir com conhecimento para a análise específica de literatura sobre a I GM. Tendo por base a lacuna identificada, sendo a mesma o objetivo geral desta dissertação, será necessário evidenciar a instrumentalização dos excertos das obras literárias com um racional da especialização em RI. Assim sendo, irá ser usado os três níveis de análise (objetivos específicos) de Kenneth Waltz provenientes da obra *Man, the State and War* que possibilitam justificar um quadro analítico em torno do “Comportamento Humano”, “Estrutura interna dos Estados” e “Sistema Internacional”, de modo a identificar as análises e passagens dos romances com as características do pensamento de Waltz. Por sua vez, recorre-se também a um capítulo de Stephanie Lawson que explica esse pensamento, e, além disso, justifica-se ainda a adoção de Waltz e não de outras teorias de Relações Internacionais devido aos elementos e níveis de análise que o mesmo proporciona e por critérios de exequibilidade da própria dissertação.

Baseando-se no objetivo geral, a pergunta de partida será: De que forma a literatura de guerra pode contribuir para explicações nas Relações Internacionais? Por sua vez, através dos objetivos específicos, haverá duas perguntas derivadas: P1- Quais as causas dos conflitos em Hemingway e Remarque? P2- Quais as causas para a expansão dos conflitos em Hemingway e Remarque? Analisando estas perguntas derivadas em mais pormenor, os três elementos básicos definidos por Waltz servirão como hipóteses. Relativamente às variáveis, a variável dependente é o contributo das obras de Hemingway

e Remarque para explicações de RI e as variáveis independentes são o pensamento de Waltz em *Man, the State and War* e a Primeira Guerra Mundial.

Nas questões anteriormente apresentadas, é possível designar dois tipos de parâmetros adicionais: os descritores e os indicadores. Relativamente aos primeiros, é possível identificar a descrição de duas visões antagónicas sobre a operação militar (EUA e Alemanha), a análise da natureza das lideranças em confronto (Aliados vs Potências Centrais) e o recurso aos três níveis de análise identificados por Waltz. Quanto a indicadores destaca-se o número de mortes e a presença de nova tecnologia militar nos dois romances: Hemingway – sete mil mortes devido à cólera, cento e cinquenta mil mortes nas batalhas em Bainsizza plateau e San Gabriele e quarenta mil mortes na batalha em Carso; Remarque – no início, a Segunda Companhia era composta por cento e cinquenta homens, depois ficou reduzida a oitenta e no final restou apenas trinta e dois soldados.

Relativamente às questões metodológicas, apresenta-se a forma como se elabora a investigação e quais as fontes bibliográficas que justificam a metodologia pretendida. Posto isto, esta formulação da pergunta de investigação ocorre através de uma tipologia de pesquisa descritiva-explicativa, na qual a primeira visa descrever detalhadamente o objeto de estudo, ou seja, assenta num processo estruturado que se baseia em recolha de informação. Já a segunda identifica a natureza, extensão e efeitos das relações identificadas entre componentes do problema de investigação, sendo o seu processo estruturado baseado na análise de informação. Por conseguinte, pretende-se estabelecer padrões de relação causal entre as variáveis acima mencionadas, isto é, de modo a explicar o contributo das obras de Hemingway e Remarque para explicações de Relações Internacionais, o mesmo depende do pensamento de Waltz em *Man, the State and War* e da Primeira Guerra Mundial, pois o valor destas duas variáveis independentes afeta a variável dependente.

Por sua vez, a informação recolhida da abordagem histórica e contextual será analisada de forma qualitativa, com o objetivo de compreender e interpretar determinados comportamentos e aprofundar conhecimentos já quantificados, neste caso, sobre a I GM. Será também auxiliada pelo recurso a fontes secundárias que interpretam o fenómeno em análise (artigos de imprensa) e a bibliografia crítica que analisa o fenómeno (obras e artigos científicos), de modo a compreender de que forma a literatura de guerra pode contribuir para explicações nas RI. Além disso, recorre-se a dois estudos comparados, na

medida que resulta da vontade de encontrar explicações gerais para fenómenos que ocorrem em diferentes contextos. Assim sendo, ambos serão instrumentalizados através da lente fornecida pelos três elementos básicos definidos por Waltz, na qual os mesmos servem de hipóteses às perguntas derivadas, de modo a contribuírem com conhecimento para a análise específica de literatura sobre a Primeira Guerra Mundial. Em relação ao tratamento das questões, supõe-se a sua compreensão através de uma abordagem descritiva, associada com uma vertente explicativa nas perguntas apresentadas.

Por último, finaliza-se com a estrutura da dissertação que está dividida em três capítulos que corresponderão aos três níveis de análise de Waltz, sendo que cada um tem a sua própria subdivisão. De uma forma sucinta, o primeiro capítulo abordará o “Comportamento Humano”, o segundo capítulo tratará sobre a “Estrutura interna dos Estados” e o terceiro capítulo ocupar-se-á do “Sistema Internacional”, dentro dos quais haverá uma caracterização dos conteúdos que descreverão cada uma destas análises, salvo o último que ainda terá um capítulo da Stephanie Lawson que explica o pensamento de Waltz que é baseado, sobretudo, na anarquia presente no sistema. Por conseguinte, cada um destes capítulos terá uma subsecção relativa à identificação das análises e passagens provenientes dos dois romances que validarão as características que definem cada um destes elementos, sendo que na mesma ficará explícita a comparação entre as causas dos conflitos e as causas para a expansão dos mesmos nas obras. Finalmente, termina-se com as principais ideias que serão retiradas desta dissertação que, por sua vez, irão compor a conclusão da mesma.

Capítulo I – Comportamento Humano

A Primeira Guerra Mundial tinha o objetivo de ser a guerra que ia acabar com todas as guerras e, por conseguinte, durante o período de 1914-18, uma série de causas originaram este conflito, levando ao envolvimento de diversas grandes potências. No entanto, esta guerra falhou esse propósito e, até aos dias de hoje, historiadores questionam qual o verdadeiro motivo para a mesma ter surgido, dado que é inexplicável a perda de milhões de vidas devido ao uso de nova tecnologia militar. Posto isto, o foco desta dissertação é a compreensão de que forma a literatura de guerra pode contribuir para explicações nas Relações Internacionais, no qual os romances de Ernest Hemingway e Erich Maria Remarque serão as bases, pois, os mesmos contribuem com conhecimento para a análise específica de literatura sobre a I GM.

De modo a evidenciar a instrumentalização dos excertos destas obras literárias, irá se recorrer aos três níveis de análise de Kenneth Waltz, presentes na sua obra *Man, the State and War: A Theoretical Analysis* (2001)⁵, e também a um capítulo de Stephanie Lawson que explica o pensamento de Waltz, que possibilitarão justificar um quadro analítico em torno do “Comportamento Humano”, “Estrutura interna dos Estados” e “Sistema Internacional”, sendo que os mesmos servirão de hipóteses para as perguntas derivadas apresentadas. Por conseguinte, este capítulo abordará o primeiro elemento básico definido por Waltz, “Comportamento Humano”, que estará dividido em duas secções: a primeira relativa à caracterização dos conteúdos que descreverão esta análise e a segunda referente à identificação das análises e passagens nos dois romances que validarão as características que definem este elemento.

1.1. O primeiro nível de análise

Kenneth Waltz afirma que, de acordo com a primeira imagem de RI, a localização das causas importantes da guerra encontra-se na natureza e no comportamento do homem, ou seja, as guerras resultam do egoísmo, de impulsos agressivos mal direcionados e da estupidez. Assim sendo, se estas são as causas primárias da guerra, então a eliminação da mesma deve passar pela elevação e esclarecimento dos homens ou por assegurar o seu reajustamento psico-social. Contudo, ainda que os instintos das pessoas sejam bons, a sua atual ingenuidade pode levá-los a seguir falsos líderes sobre a adoção de políticas corretas e, por conseguinte, ao atribuir as dificuldades atuais a um defeito de conhecimento, a educação torna-se o remédio para a guerra (Waltz, 2001, pp.16-17).

Relativamente à forma como se alcança a paz, existe opiniões divergentes: por um lado, Bertrand Russell que considera o declínio dos instintos possessivos como um pré-requisito para a paz; por outro, alguns autores declaram que aumentar as hipóteses de paz não requer tanto uma mudança nos instintos, mas sim uma canalização das energias que são atualmente gastas na loucura destrutiva da guerra. Neste caso, Aristófanes, dramaturgo grego, afirma que se as mulheres de Atenas se negassem aos maridos e amantes, os seus homens teriam de escolher entre os prazeres do sofá e as experiências estimulantes do campo de batalha. Por sua vez, William James declara que a guerra tem

⁵ Dois pontos de destaque: primeiro, embora esteja a recorrer a uma versão mais atual, é de realçar que esta obra teve a sua primeira publicação em 1959; segundo relativo ao uso de diferentes conceitos, ou seja, pretende-se deixar claro que ao longo desta dissertação irá se alternar entre três termos, desde o conceito de “imagem” cunhado por Waltz, ao nível de análise e por último ao elemento básico, na qual todos se referem aos níveis que Waltz definiu na sua obra.

origem na natureza belicosa do homem, que é o produto de uma tradição secular, e, embora a sua natureza não possa ser alterada ou os seus impulsos suprimidos, eles podem ser desviados (Waltz, 2001, pp.17-18).

De uma forma geral, a ideia comum a todas é que, de modo a alcançar um mundo mais pacífico, os homens devem ser mudados, quer na sua perspetiva moral-intelectual, quer no seu comportamento psíquico-social. No entanto, pode-se concordar com a análise das causas da primeira imagem sem admitir a possibilidade de prescrições práticas para a sua eliminação. Assim sendo, entre os que aceitam a explicação da guerra pela primeira imagem, há tanto otimistas como pessimistas, isto é, os primeiros que pensam que as possibilidades de progresso são tão grandes que as guerras acabarão antes da morte da geração seguinte e os segundos que pensam que as guerras continuarão a ocorrer, embora com elas todos possam morrer (Waltz, 2001, p.18).

Olhando em mais pormenor o contraste entre ambos, o pessimismo é a crença de que a realidade é imperfeita, dentro da qual, momentaneamente, podem ser criadas restrições mais ou menos adequadas às forças do mal, mas a expectativa de um resultado geral e permanentemente bom é impedida pela consciência constante dos efeitos viciantes de um defeito essencial. Por sua vez, o otimista acredita que a realidade é boa, na qual a sociedade é basicamente harmoniosa e que as dificuldades que têm atormentado o homem são superficiais e momentâneas. Relativo às expectativas, é necessário salientar que o pessimismo sobre as hipóteses de sucesso final na eliminação da guerra não é idêntico à afirmação de que nada pode ser feito em relação à situação atual. Por outras palavras, o pessimista pode ter mais esperança do que o otimista em adiar a guerra que ameaça o futuro, já o otimista pode acreditar que não vale a pena fazer nada que fique aquém da aplicação do remédio que supostamente trará o sucesso final e completo (Waltz, 2001, pp.18-19).

Daqui em diante, Waltz aborda aqueles que concordam com a proposição de que, para compreender a recorrência da guerra, é preciso olhar para a natureza e o comportamento do homem e que, ao fazê-lo, encontram defeitos inerradicáveis pelos quais males do mundo, incluindo a guerra, podem ser explicados. Posto isto, os otimistas e pessimistas concordam na sua análise da causa, mas acabam por divergir sobre a possibilidade de alterar a mesma: por um lado, os otimistas veem uma possibilidade de transformar os maus em bons e de acabar com as guerras que resultam da atual política de equilíbrio de poderes; por outro, os pessimistas, embora aceitem que o equilíbrio de

poderes e a guerra derivem da natureza humana, veem pouca ou nenhuma possibilidade de o homem se corrigir (Waltz, 2001, pp.19-20).

Por sua vez, Reinhold Niebuhr argumenta que o realismo político é impossível sem uma verdadeira compreensão da natureza do homem e, apesar dos otimistas pensarem que o fazem numa visão correta do homem, Niebuhr discorda, pois, o mesmo baseia-se na ideia de que eles ignoraram a potencialidade do mal em todos os atos humanos. Assumiram que o progresso se move em linha reta, quando, na verdade, cada avanço no conhecimento, cada inovação na técnica, contém em si a potencialidade do mal, assim como do bem. Por conseguinte, o homem alarga o seu controlo sobre a natureza, mas os próprios instrumentos que prometem segurança contra o frio e a fome, uma diminuição do trabalho e um aumento do lazer, permitem que alguns homens escravizem ou destruam outros (Waltz, 2001, pp.20-21).

Além disso, o homem, ser consciente de si próprio, sente os seus limites, na medida que estes são-lhe inerentes, assim como o seu desejo de os ultrapassar. Por interesse próprio, desenvolve teorias económicas e políticas e tenta fazê-las passar por sistemas universais, uma vez que, nasceu e cresceu na insegurança e procura tornar-se absolutamente seguro. Por conseguinte, a sede do mal é o eu, e a qualidade do mesmo pode ser definida em termos de orgulho. Este ponto de vista é também refletido em St. Augustine, Spinoza e Hans Morgenthau, na medida que estão unidos no facto de basearam as suas conclusões políticas numa natureza assumida do homem (Waltz, 2001, p.21).

Posto isto, St. Augustine tinha observado a importância da auto-preservação na hierarquia das motivações humanas, porém, o desejo da mesma não é um princípio suficiente para explicar todo o comportamento do homem. Na visão de Spinoza, o fim de cada ato é a auto-preservação do ator, sendo as leis da natureza simplesmente declarações do que este fim único exige, o direito natural. Assim sendo, o homem que vive de acordo com a razão demonstrará tanto coragem como espírito elevado, isto é, esforçar-se-á por se preservar a si próprio em concordância com os ditames da razão e por ajudar os outros homens e uni-los a ele em amizade. Contudo, isto não é uma descrição do comportamento real, mas sim uma descrição do comportamento que é idealmente racional (Waltz, 2001, p.22).

É de realçar que não é pelo facto de serem deveres que o homem se comporta com coragem e elevação de espírito, pois, estas características são o resultado necessário de

seguir a razão. O seu esforço para ajudar os outros não é um comportamento altruísta, sendo antes o contrário, pois, a consideração pelos outros e o desejo de cooperar com eles resultam da compreensão de que a assistência mútua e a divisão do trabalho são necessárias para o seu próprio sustento e preservação. Por sua vez, Augustine afirma que a razão, interpretando corretamente o verdadeiro interesse de cada um, levaria todas as pessoas a viver harmoniosamente em sociedade, sem necessidade de uma autoridade política para as controlar e dirigir. O mesmo declara ainda que cada homem procura, de facto, o seu próprio interesse, mas não é de acordo com os ditames da razão, no qual St. Augustine explica o mesmo pelo pecado original que é o ato que explica o facto de a razão e a vontade humanas serem ambas defeituosas (Waltz, 2001, pp.22-23).

Com base nesta explicação religiosa, Spinoza constrói um modelo de comportamento racional: são racionais os atos que conduzem espontaneamente à harmonia nos esforços cooperativos para perpetuar a vida. Porém, não é esta a condição em que se encontra o mundo e os homens são guiados não pelos preceitos da razão pura, mas pelas suas paixões. Neste caso, os homens, guiados pela paixão, são arrastados para o conflito e em vez de se ajudarem mutuamente, comportam-se de uma forma que é mutuamente destrutiva. Além disso, cada um procura ser o primeiro entre os homens e orgulha-se mais do mal que fez aos outros do que do bem que fez a si próprio (Waltz, 2001, pp.23-24).

Por outras palavras, a explicação de Spinoza para os males políticos e sociais baseia-se no conflito que deteta entre a razão e a paixão. No entanto, St. Augustine, Niebuhr e Morgenthau rejeitam o dualismo explícito no pensamento de Spinoza, na medida que, segundo eles, o homem inteiro, a sua mente e o seu corpo, são defeituosos. Apesar desta diferença, cada um deles deduz os males políticos através dos defeitos humanos, como por exemplo, Niebuhr rejeita a afirmação de Marx de que a exploração do homem pelo homem é causada pela divisão da sociedade em classes, acrescentando que tanto as divisões de classe quanto a exploração resultam de uma tendência no coração humano. Já Morgenthau considera que a omnipresença do mal na ação humana resulta da sede inerradicável do homem pelo poder (Waltz, 2001, p.24).

Em relação à explicação das razões que levam à origem da guerra, estes quatro autores têm ideias distintas. Através da afirmação de Morgenthau, retira-se o facto de que a explicação que basta para os males domésticos serve igualmente para explicar os atritos e as guerras entre Estados. Por sua vez, Augustine atribui ao amor do homem por tantas

coisas vãs e nocivas uma longa lista de atribuições humanas, que vão desde as disputas e os roubos aos assassinatos e às guerras. Já Spinoza, embora proclame a paz como o fim do Estado, considera que os Estados são inimigos naturais e que devem estar constantemente em guarda uns contra os outros, não porque os Estados nunca sejam honrados e pacíficos, mas porque podem, a qualquer momento, tornar-se desonrosos e beligerantes, e, não porque a cooperação seja contra os seus melhores interesses, mas porque a paixão obscurece frequentemente os verdadeiros interesses dos Estados e dos homens. Por último, Niebuhr escreve que a guerra tem a sua origem em fontes obscuras e inconscientes da psique humana (Waltz, 2001, p.25).

Tal como os otimistas, os pessimistas parecem muitas vezes acreditar que a guerra poderia ser eliminada se apenas os homens pudessem ser mudados. Posto isto, tanto a nível interno como externo são precisos métodos diferentes para lidar com as suas questões: no primeiro é necessária uma oligarquia para ultrapassar os perigos da anarquia e no segundo é necessário poder para afastar o inimigo estrangeiro. Ambos surgem do pecado e permanecem como necessidades, porque os homens não são suficientemente bons para fazer o que deve ser feito para o bem comum numa base puramente voluntária. De uma forma sucinta, enquanto Spinoza contrapõe a razão e as paixões humanas que a obscurecem, Niebuhr, por sua vez, contrapõe o amor ao pecado que o domina, ou seja, o pecado é a causa, e o amor, se pudesse vencer o mesmo, seria a cura (Waltz, 2001, pp.25-26).

Waltz afirma que os pessimistas da primeira imagem aceitam a relevância do ideal dos otimistas, mas rejeitam a possibilidade de o alcançar. É evidente que se os homens chegassem a acordo sobre os seus objetivos e fossem perfeitamente racionais na sua procura, descobririam e seguiriam sempre a melhor solução praticável para qualquer problema. Além disso, se fossem verdadeiramente bondosos, estariam sempre dispostos a dar a outra face, mas na realidade não encontrariam ocasião para o fazer. Por conseguinte, nenhuma destas afirmações condicionais descreve o comportamento atual dos homens, uma vez que, eles não são nem perfeitamente racionais nem verdadeiramente bondosos, nem, acrescenta o pessimista, alguma vez o serão (Waltz, 2001, pp.26-27).

A atribuição dos males políticos a uma natureza fixa do homem, definida em termos de uma potencialidade inerente tanto para o mal como para o bem, é um tema que se repete constantemente no pensamento de Augustine, Spinoza, Niebuhr e Morgenthau. De uma forma geral, os acontecimentos da história mundial não podem ser separados dos

homens que os criaram. Porém, a importância da natureza humana como fator na análise causal dos acontecimentos sociais é reduzida pelo facto de a mesma natureza, seja qual for a sua definição, ter de explicar uma variedade infinita de acontecimentos sociais. Assim sendo, qualquer um pode provar que o homem é mau apontando simplesmente para a evidência da sua crueldade e estupidez (Waltz, 2001, p.27).

Embora isto seja insuficiente para estabelecer a validade da primeira imagem, é, no entanto, difícil, se não impossível, contrariar uma interpretação tão particular de uma imagem tentando compará-la com os acontecimentos, e tentar fazê-lo é mergulhar num conjunto de factos e de juízos de valor. Posto isto, dizer então que certas coisas acontecem porque os homens são estúpidos ou maus é uma hipótese que é aceite ou rejeitada de acordo com o humor do escritor. Por outras palavras, é uma afirmação que as evidências não podem provar ou refutar, pois, o que se faz das mesmas depende da teoria que se defende (Waltz, 2001, pp.27-28).

Niebuhr escreve a seguinte afirmação: *“political strategies,” invariably involving “the balancing of power with power,” are made necessary by “the sinful character of man.”* (Waltz, 2001, p.28). Deste modo, a mesma pretende transmitir a ideia de que sem uma compreensão da natureza humana do homem, não pode haver uma teoria da política. Assim sendo, a natureza humana pode, em certo sentido, ter sido a causa da guerra em 1914, mas, da mesma forma, foi a causa da paz em 1910. Nos anos que se seguiram, muitas coisas mudaram, mas a natureza humana não mudou, e, por conseguinte, pode-se rotular a mesma como a causa básica da guerra, porém, é uma causa que o artifício humano não pode afetar (Waltz, 2001, pp.28-29).

Por sua vez, Waltz declara que se os homens estivessem sempre em guerra ou sempre em paz, a questão de saber porque é que há um ou o outro nunca se colocaria. Apesar da natureza humana desempenhar um papel na origem da guerra, não pode, por si só, explicar a guerra e a paz, a não ser pela simples afirmação de que a natureza do homem é tal que umas vezes luta e outras não. Por um lado, se a natureza humana é a causa da guerra e se, como nos sistemas dos pessimistas da primeira imagem, a natureza humana é fixa, então nunca se pode esperar a paz. Por outro, se a natureza humana é apenas uma das causas da guerra, então, mesmo partindo do pressuposto de que a natureza humana é fixa, pode-se corretamente continuar a procurar as condições de paz (Waltz, 2001, pp.29-30).

De uma forma geral, estas críticas são prejudiciais aos sistemas erigidos pelos pessimistas da primeira imagem, quando os mesmos tentam derivar conclusões políticas específicas diretamente de uma suposta natureza do homem. No entanto, a natureza humana pode explicar as imperfeições necessárias de todas as formas sociais e políticas, apesar da mesma não conseguir explicar propriamente a razão de num Estado o homem ser escravizado e noutra ser livre, e de num ano haver guerra e noutra haver paz. Posto isto, os pessimistas manifestam duas tendências: a primeira relativa ao desenvolvimento de uma política e uma economia sem conteúdo e a segunda referente à introdução de domínios de causalidade que ultrapassam a psicologia do homem para obter conteúdo (Waltz, 2001, pp.30-31).

O primeiro ponto é ilustrado pela crítica de Niebuhr relativo à afirmação de Augustine que, apesar de defender que as consequências do pecado original tornam o governo necessário, não consegue distinguir as ordens de mérito relativas entre as instituições sociais e políticas, e, por conseguinte, a sua perceção apurada das consequências da anarquia leva-o a aceitar a tirania. A segunda tendência é mais importante quando se trata de compreender o significado da análise da primeira imagem nas Relações Internacionais. Embora Spinoza considere que conseguiu explicar os fenómenos políticos através das qualidades inerentes ao homem, também afirma que, em condições diferentes, os homens se comportam de forma distinta. Já Augustine salienta que, sem as restrições do governo, os homens matar-se-iam uns aos outros até à extinção da humanidade, demonstrando assim que um governo ordenado pode fazer toda a diferença entre a morte e a possibilidade de viver até uma idade avançada com relativa segurança e felicidade (Waltz, 2001, pp.31-32).

Por sua vez, Niebuhr distingue as causas primárias das secundárias:

“All purely political or economic solutions of the problem of justice and peace deal with the specific and secondary causes of conflict and injustice,”
(...) “All purely religious solutions deal with the ultimate and primary causes.” (Waltz, 2001, p.32)

Apesar de os defensores de um tipo de solução excluírem frequentemente o outro, ambos os tipos são necessários e, de uma forma sucinta, poder-se-ia dizer que da sua causa básica Niebuhr retira uma máxima: não esperar demasiado. Desse modo, a partir da identificação das causas secundárias Niebuhr retira as suas outras conclusões: o que

esperar em diferentes condições, que condições devem ser alteradas para minimizar os efeitos indesejados e alcançar outros e, em geral, quais devem ser as regras de conduta para o cidadão ou político consciente (Waltz, 2001, p.33).

Embora a preocupação excessiva com a causa primária do conflito provoque um afastamento de uma análise realista da política mundial, existe o reconhecimento de que as causas que de facto explicam as diferenças de comportamento devem ser procuradas noutro lugar que não na própria natureza humana. Este mesmo desequilíbrio entre as causas primárias e as secundárias é evidente em Morgenthau: a guerra devido à sede de poder do homem e a paz devido ao governo mundial. Por conseguinte, com o governo mundial atualmente impossível, o mesmo argumenta de forma convincente a necessidade inescapável de uma política de equilíbrio de poderes (Waltz, 2001, pp.33-34).

Morgenthau reconhece que, se houver competição por bens escassos sem ninguém para servir de árbitro, haverá uma luta pelo poder entre os concorrentes e que, consequentemente, a mesma pode ser explicada sem referência ao mal que nasce nos homens. Por outras palavras, a luta pelo poder surge, porque os homens querem coisas, não porque haja algum mal nos seus desejos, sendo rotulado como uma das duas raízes de conflito. Já a segunda, que tem o mal associado à mesma, corresponde ao *animus dominandi*, conhecido como o desejo de poder. O poder aparece como um fim em si mesmo, ao passo que uma maior ênfase na primeira raiz da discórdia política creditaria o poder como um instrumento necessário para o sucesso nas lutas competitivas. Contudo, Morgenthau considera o impulso para o poder inerente aos homens como um dado mais básico do que as condições prováveis em que ocorrem as lutas pelo poder (Waltz, 2001, pp.34-35).

Assim sendo, tem-se duas ideias: em primeiro lugar, que as lutas pela preferência surgem em situações de concorrência e que a força é introduzida na ausência de uma autoridade que possa limitar os meios utilizados pelos concorrentes; em segundo lugar, que as lutas pelo poder surgem porque os homens nascem à procura do poder. Quem aceitar a segunda ideia definirá o interesse nacional em termos de poder, porque os homens procuram naturalmente o poder. Quem aceitar a primeira ideia também definirá o interesse nacional em termos de poder, mas desta vez porque, em determinadas condições, o poder é o meio necessário para assegurar os objetivos dos Estados. De uma forma sucinta, num caso, o poder é um fim, no outro, um instrumento (Waltz, 2001, p.35).

Através da afirmação de Morgenthau, o pensamento político moderno divide-se em duas escolas - os utópicos com as suas filosofias otimistas do homem e da política e os realistas que veem que o mundo é o resultado de forças que são inerentes à natureza humana. Por sua vez, Quincy Wright expõe a questão sobre se o poder pode ser o valor supremo dos Estados e os realistas afirmam que os Estados devem prosseguir os seus interesses nacionais e que o interesse nacional supremo é o aumento da posição de poder do Estado. Porém, de acordo com a análise de Herz, os Estados olham para as suas posições de poder comparativo devido ao dilema de segurança, nascido de uma condição de anarquia, que os confronta. Neste caso, o poder aparece como um instrumento possivelmente útil e não como um valor supremo que os homens, pela sua própria natureza, são levados a procurar (Waltz, 2001, pp.36-37).

A tentativa de derivar uma filosofia da política a partir de uma suposta natureza do homem leva a uma preocupação com o papel da ética na ação do Estado sem fornecer critérios para distinguir o comportamento ético do não ético. Por conseguinte, esta dificuldade reflete-se nos comentários de Grayson Kirk que está preocupado com o problema de dar conteúdo ao guia proposto por Morgenthau para a política externa, o interesse nacional:

“one source of this difficulty [with content] lies in an unwillingness to admit that many of our policy-makers, during the so-called Utopian period [in the history of American foreign policy], have undertaken to express the national interests of the United States in terms of moral principles, not because they were confused theorists, but because they honestly believed that our best national interests lay in the widest possible acceptance of certain moral and legal principles as guides of international conduct.” (Waltz, 2001, p.38)

De uma forma sucinta, mais do que saber se certos estadistas acreditam honestamente que estão a exprimir os nossos interesses nacionais quando procuram esta aceitação, é importante perguntar se as condições da política internacional permitem ou não aos estadistas pensar e agir em termos de princípios morais e jurídicos que podem ser úteis e aceitáveis na política interna. Além disso, embora todos defendam o interesse nacional, existem dois problemas, o primeiro relativo à avaliação que consiste em decidir quais os interesses legítimos, e o segundo sobre a pragmática referente à decisão de quais as políticas que melhor os servem (Waltz, 2001, p.38).

1.2. Identificação das análises e passagens nos romances

Após ficar com uma noção mais clara sobre as características relativas ao primeiro nível de análise definido por Waltz, o foco volta-se para a identificação das análises e passagens provenientes nas obras de Ernest Hemingway e Erich Maria Remarque que validarão estas mesmas características. Além disso, tentarão, por sua vez, demonstrar se esta primeira hipótese consegue ou não responder às perguntas derivadas apresentadas: P1- Quais as causas dos conflitos em Hemingway e Remarque? P2- Quais as causas para a expansão dos conflitos em Hemingway e Remarque?

O primeiro romance a ser abordado é *A Farewell to Arms*, sendo o seu período temporal definido entre os anos de 1916-18 e o seu cenário situado nos Alpes à volta da fronteira entre a Itália e a atual Eslovénia. Tal como foi mencionado, Hemingway retrata a frente italiana que, aliada com a Grã-Bretanha, França e Rússia contra o Império austro-húngaro e Alemanha, é responsável de prevenir que as forças austro-húngaras auxiliem os alemães nas frentes ocidental e a leste da guerra. Posto isto, observa-se agora as análises e passagens que demonstram as características do primeiro elemento em questão.

Ao longo da obra, Hemingway destaca diálogos entre a personagem principal e narrador, o tenente Frederic Henry, e outras personagens secundárias que questionam constantemente dois aspetos: o porquê de haver guerra e quando a mesma irá acabar, visto que já se alastra há bastante tempo, e sobre quem decidiu que houvesse conflito em oposição aqueles que não queriam a guerra, mas que não conseguem alcançar a posição de poder. Assim sendo, num desses diálogos, tem-se o mecânico de ambulância Passini que, embora afirme que a sua classe tenha mais pensamento crítico do que os camponeses, declara que todos odiam esta guerra. Além disso, realça que a razão de haver guerra é porque existe uma classe que controla o país que é estúpida e que não percebe nada e nunca perceberá. Posto isto, fica explícito que, na visão de Passini, a causa deste conflito advém da estupidez proveniente na natureza e no comportamento do homem, e, tal como afirmam os pessimistas da primeira imagem, é pouco provável que o homem se corrija:

““We think. We read. We are not peasants. We are mechanics. But even the peasants know better than to believe in a war. Everybody hates this war.”

“There is a class that controls a country that is stupid and does not realize anything and never can. That is why have this war.” “Also they make money

out of it.” “Most of them don’t,” (...) “They are too stupid. They do it for nothing. For stupidity.”” (Hemingway, 1929, p.54)

Relativamente à resolução do conflito, existem opiniões distintas. Manera, um outro mecânico, declara que se tanto italianos como austro-húngaros deixassem de lutar, a guerra acabaria. Já o tenente Henry afirma que a mesma não acabaria se um dos lados parasse de lutar e, por conseguinte, tornaria a guerra pior, afirmando ainda que a derrota é pior que o conflito. Em contraste, Passini argumenta que não há nada pior do que a guerra e questiona sobre o que significa a derrota, na qual o mesmo descreve o processo de um soldado a voltar para sua casa e família, mas que acaba por ser levado novamente para a linha da frente, destacando ainda o enforcamento de soldados que se recusassem. Assim sendo, a ideia que se extrai da visão de Henry é que a humilhação de ser derrotado tem mais impacto, porque a mesma afeta o orgulho dos líderes que optaram pela guerra e como a mesma pode pôr em causa a sua segurança, leva a que, por interesse próprio, os mesmos usem todos recursos disponíveis, de modo a tornarem-se absolutamente seguros e de se auto preservarem (Hemingway, 1929, pp.52-53).

Com base no que foi dito acima, Manera afirma que um país de fora não faz do tenente um soldado, pois, o mesmo trata-se de um voluntário americano no setor das ambulâncias e que o próprio nem sabe bem a razão de estar presente neste conflito. Por conseguinte, acusa-o de não saber o que é ser conquistado e então parte do pressuposto que não seja uma coisa má, demonstrando assim uma certa ignorância sobre as verdadeiras intenções das pessoas que provocaram a guerra. Já Passini relembra Henry do quão pejorativa a guerra consegue ser e a influência que tem naqueles que nela participam:

““We understand you let us talk. Listen. There is nothing as bad as war. We in the auto-ambulance cannot even realize at all how bad it is. When people realize how bad it is they cannot do anything to stop it because they go crazy. There are some people who never realize. There are people who are afraid of their officers. It is with them that war is made.”” (Hemingway, 1929, p.53)

Em seguimento com a passagem citada, Henry declara que, embora saiba que a guerra é má, a mesma tem de acabar, uma vez que, para ele há ou um vencedor ou um perdedor. Por sua vez, Passini afirma que a guerra não tem fim e que a própria não é ganha através da vitória, realçando ainda uma certa dificuldade em defender ou ganhar territórios, como por exemplo, San Gabriele e Carso, devido às adversidades presentes num terreno

montanhoso. Além disso, sugere que sejam os italianos a deixar de lutar e que permitam a entrada do inimigo, na expectativa de que o mesmo fique cansado e acabe por ir embora. No entanto, tal não acontece, porque, apesar de ambos terem os seus próprios países, nenhum dos dois pretende ceder, o que resulta na continuação da guerra (Hemingway, 1929, pp.53-54). Assim sendo, está presente a noção de que existe uma luta de poderes entre os intervenientes, não por bens escassos e que na ausência de uma autoridade para regular os comportamentos dos mesmos recorre-se ao uso da força, mas sim uma luta de poder para alcançar ainda mais poder, na medida que se reflete na tentativa de conquista/defesa de territórios por ambas as partes.

Numa conversa entre o padre e Henry, aborda-se a ideia de oposição entre aqueles que fazem a guerra e os que não querem fazer a mesma. De uma forma geral, em Itália prevalece a maioria que quer o conflito e obriga os outros a combatê-lo. Por sua vez, Henry pergunta ao padre se aqueles que não querem a guerra conseguem parar a mesma e ele responde que não, porque sempre que se organizam para tentar impedir a progressão da guerra, os seus líderes denunciavam-nos (Hemingway, 1929, pp.75-76). Por outras palavras, aqueles que estão na posição do poder definem a entrada da Itália no conflito em auxílio dos seus aliados como um interesse legítimo, ou seja, torna-se o interesse nacional do país. Por conseguinte, uma das políticas que usaram para melhor servir o mesmo foi abafar qualquer voz dissidente que pudesse gerar dúvida nas mentes dos soldados, sendo a mesma enviada para a linha de combate.

Após ter estado num hospital, em Milão, devido ao uma ferida no joelho provocada por um bombardeamento, o tenente Henry regressa ao local das ambulâncias onde estão os seus companheiros. Através dos seus diálogos com o major e Rinaldi, tenente e cirurgião italiano, Henry descobre que as batalhas no verão de 1917 não tinham corrido como esperado e, consequentemente, perderam-se alguns carros e muitos soldados ficaram doentes. Além disso, embora Hemingway tenha realçado, no início da obra, a presença do rei de Itália⁶ com o objetivo de dar algum alento aos seus soldados (Hemingway, 1929, p.4), continua a prevalecer o mesmo discurso de que a guerra é algo de terrível e que não se compreende qual o verdadeiro motivo da mesma ter começado, e acrescenta que quanto mais o conflito se arrasta, pior fica o mesmo (Hemingway, 1929, pp.174-178).

⁶ Victor Emmanuel III, rei de Itália (1900-1946)

Numa nova conversa entre o padre e Henry, a questão sobre o fim da guerra volta a surgir. Na visão do padre, a mesma poderá acabar em breve, pois, o desaire mencionado acima influenciou de forma tremenda as tropas, na medida que até os oficiais que até então nunca perceberam o que esta guerra realmente era, agora apercebessem dos verdadeiros horrores que a mesma carrega. Por outras palavras, este evento serviu de catalisador de mudança no comportamento estúpido e agressivo presentes em algumas patentes das tropas, na qual, ao deixar de lado as suas paixões destrutivas face ao seu inimigo, apresentam uma postura mais gentil. De uma forma sucinta, tem-se aqui presente o pensamento dos otimistas da primeira imagem de que é possível tornar os maus em bons e, por conseguinte, pôr um fim à guerra:

““What about the war?” “I think it will be over soon. I don’t know why, but I feel it.” (...) “It has been a terrible summer,” (...) “You cannot believe how it has been. Except that you have been there and you know how it can be. Many people have realized the war this summer. Officers whom I thought could never realize it realize it now.”” (Hemingway. 1929, p.188)

A última análise a ser destacada é a fuga de Henry e dos seus companheiros, uma vez que, os austro-húngaros, auxiliados pelos alemães, conseguem quebrar a linha da frente em Caporetto. Posto isto, Hemingway descreve esta retirada como caótica e confusa, sendo notório o abandono de diversos veículos e a ausência de soldados para atacar ou defender possíveis ataques de inimigos. Além disso, na sua viagem até ao refúgio, em Tagliamento, as personagens comentam entre si determinados rumores sobre soldados alemães estarem disfarçados com uniformes italianos, causando uma sensação de maior perigo para as mesmas, pois, as tropas italianas deixar-se-iam levar pelo seu medo e desconfiança de tudo e todos (Hemingway, 1929, pp.229-231).

O clímax desta fuga ocorre quando Henry é abordado por jovens polícias militares italianos que confrontam oficiais com estatutos de major ou acima, com o intuito de saber se os mesmos abandonaram ou não as suas tropas. Após um questionário, ditavam quem vivia ou morria e, embora os oficiais pudessem ter razões válidas para não estarem com as suas tropas, os mesmos eram acusados de abandono e deserção, culminando no seu fuzilamento (Hemingway, 1929, p.240).

De uma forma sucinta, é visível nesta análise um choque entre o racional e o emocional: por um lado, há lógica nos argumentos usados por estes jovens soldados,

como por exemplo, a possível deserção de oficiais; por outro, estes polícias militares parecem não se preocupar se há ou não evidências suficientes de crime e acabam por abusar do seu estatuto de poder nas execuções sucessivas dos seus próprios companheiros de guerra. Posto isto, está explícito a afirmação de Spinoza de que os homens não são guiados pelos preceitos da razão pura, mas pelas suas paixões que arrastam os mesmos para o conflito e em vez de se ajudarem mutuamente, comportam-se de uma forma que é mutuamente destrutiva. De modo a expor uma dessas execuções efetuadas pelos soldados, tem-se a seguinte passagem relativa ao fuzilamento de um tenente-coronel:

““Do you not know that an officer should be with his troops?” (...) “It is you and such as you that have let the barbarians onto the sacred soil of the fatherland.” “It is because of treachery such as yours that we have lost the fruits of victory.” “Have you ever been in a retreat?” (...) “Italy should never retreat.” (...) “If you are going to shoot me,” (...) “please shoot me at once without further questioning. The questioning is stupid.” (...) “Abandoned his troops, ordered to be shot,”” (Hemingway, 1929, pp.239-240)

Por sua vez, o romance *All Quiet on the Western Front*⁷ partilha o mesmo período temporal, 1916-18, e, tal como indica o título, o seu cenário retrata a frente ocidental combatida entre a Alemanha e os Aliados. Assim sendo, Remarque aborda o alistamento de diversos colegas de escola que representam uma geração destruída pela desumanização da guerra de trincheiras da Primeira Guerra Mundial e a personagem principal e narrador, Paul Bäumer, retrata o protótipo do jovem soldado de infantaria cuja juventude é arrebatada pela brutalidade da guerra. Posto isto, observa-se agora as análises e passagens que demonstram as características do primeiro elemento em questão.

De uma forma sucinta, Remarque afirma que as palestras proferidas pelo diretor de escola, Kantorek, sobre o dever em defender a pátria alemã, persuadiram jovens alunos a se alistar de forma voluntária para a guerra. Contudo, Joseph Behm, colega de turma de Paul, hesita no alistamento, mas ao correr o risco de ser ostracizado e chamado de cobarde pelos próprios pais, o mesmo acaba por ceder. Existem duas posições face à guerra: por um lado, tem-se estes jovens que, sem ter noção do que se estavam a envolver, estão

⁷ Ponto de destaque: embora esta obra tenha sido publicada em 1929, nesta dissertação usa-se uma versão ebook referente ao ano de 2023, sendo que a mesma foi traduzida do alemão para o inglês por A. W. WHEEN da editora FAWCETT CREST. Além disso, haverá o link onde se pode encontrar esta mesma versão presente na bibliografia.

repletos de alegria por combater a mesma; por outro, as pessoas mais sábias são as mais pobres e simples, pois, sabem que a guerra é uma tragédia. Posto isto, aqueles que estão na posição de poder definem como o interesse nacional do país a declaração de guerra da Alemanha contra os Aliados. Por conseguinte, uma das políticas que usaram para melhor servirem o mesmo foi a ideologia presente no discurso das figuras de autoridade com o objetivo de persuadir jovens para combater a guerra (Remarque, 2023, p.18).

Em seguimento com o parágrafo anterior, Bäumer realça o choque entre a retórica de guerra perpetuada por Kantorek e a dura realidade da mesma, levando assim à desilusão destes jovens que confiaram nas palavras do seu diretor. No entanto, apesar da ilusão ter sido quebrada, é de salientar que a ideologia de servir a pátria está tão enraizada nos soldados que os mesmos não pensam em fazer motins ou desertar, revelando desta forma uma profunda lealdade para com o seu país:

“For us lads of eighteen they ought to have been mediators and guides to the world of maturity, the world of work, of duty, of culture, of progress--to the future. (...) The idea of authority, which they represented, was associated in our minds with a greater insight and a more humane wisdom. But the first death we saw shattered this belief. (...) The first bombardment showed us our mistake, and under it the world as they had taught it to us broke in pieces. While they taught that duty to one's country is the greatest thing, we already knew that death-thoes are stronger. But for all that we were no mutineers, no deserters, no cowards.” (Remarque, 2023, pp.19-20)

Relativamente à resolução do conflito, destaca-se as visões de duas personagens: primeiro, Kactzinsky, um veterano que é tutor e figura paternal para Paul e os outros, afirma que se todos recebessem a mesma comida e o mesmo salário, a guerra acabaria num dia; segundo, Kropp, que é o pensador do grupo, propõe que uma declaração de guerra seja uma espécie de festa popular, como por exemplo, uma tourada. Nessa arena estariam os ministros e os generais dos países envolvidos na guerra, onde poderiam discutir entre si e quem sobrevive-se, o seu país ganhava. Deste modo, esta declaração seria mais simples e mais justa do que o acordo atual, dado que este conflito está a ser combatido pelas pessoas erradas (Remarque, 2023, pp.45-46).

De uma forma sucinta, está presente o primeiro indício sobre a causa desta guerra, ou seja, a existência da mesma é devido à maldade e estupidez provenientes na natureza

humana das figuras de autoridade que comandam os países e que, guiados pelas suas paixões, entram em conflito, obrigando assim pessoas inocentes a combater uma guerra que não foi desejada.

Numa determinada altura do romance, Remarque expõe a forma como veteranos e recrutas abordam os eventos que ocorrem durante a frente. Por um lado, tem-se Paul e os seus companheiros que, ao experienciar constantemente o som de bombardeamentos, ganharam uma postura mais rija e não se deixam abalar com facilidade. Por outro, existem os recrutas que, não tendo nenhuma experiência de combate, ficam agitados devido ao medo. Além disso, é de salientar que o impacto dos bombardeamentos e das explosões influenciam os corpos dos soldados, de modo a estarem prontos para a ação, pois, os mesmos ficam num estado de alerta acrescido, na qual todos os seus sentidos estão ainda mais apurados (Remarque, 2023, pp.57-58).

Posto isto, fica claro a afirmação de Spinoza sobre o facto que, em condições diferentes, os homens se comportam de forma distinta. Neste caso, está-se perante uma mudança no comportamento humano, no qual o homem abandona o seu lado mais racional e deixa-se apoderar pelos seus instintos, na medida que só os mesmos é que poderão garantir a sobrevivência dos soldados perante uma ofensiva inimiga:

“We have become wild beasts. We do not fight, we defend ourselves against annihilation. It is not against men that we fling our bombs, what do we know of men in this moment when Death is hunting us down--now, for the first time in three days we can see his face, now for the first time in three days we can oppose him; we feel a mad anger. No longer do we lie helpless, waiting on the scaffold, we can destroy and kill, to save ourselves, to save ourselves and to be revenged.” (Remarque, 2023, pp.112-113)

De seguida, expõe-se mais uma passagem sobre a continuação do comportamento adotado pelos homens perante uma situação de vida ou morte:

“We reach the shelter of the reserves and yearn to creep in and disappear;-- but instead we must turn round and plunge again into the horror. If we were not automata at that moment we would continue lying there, exhausted, and without will. But we are swept forward again, powerless, madly savage and raging; we will kill, for they are still our mortal enemies, their rifles and

bombs are aimed against us, and if we don't destroy them, they will destroy us.” (Remarque, 2023, p.114)

No entanto, existe um episódio em *All Quiet* sobre um confronto entre Paul Bäumer e um soldado francês, Gérard Duval, no qual Paul, movido pelos seus instintos de sobrevivência, mata Gérard. Contudo, o mesmo arrepende-se e menciona como os seus superiores distorcem a descrição dos soldados de outros países envolvidos, ou seja, os mesmos são percebidos como inimigos mortais que vêm destruir a pátria alemã. Porém, a verdade é que estes soldados são pobres coitados tal como Paul, que partilham o mesmo medo da morte e a mesma agonia. Assim sendo, tem-se duas ideias: primeiro sobre como as circunstâncias da guerra causam a desumanização dos homens, levando-os a cometer as maiores atrocidades; segundo referente a Bäumer que, perante o seu próprio ato, retorna ao seu lado mais racional e pede perdão (Remarque, 2023, pp.215-216).

A última análise a ser destacada é uma série de diálogos entre Paul e os seus companheiros que aborda os seguintes pontos: o porquê de haver guerra e quem faz a mesma. Numa conversa entre Paul e Albert Kropp debate-se a origem da guerra, sendo que Albert questiona se a mesma não existiria caso o Kaiser e os outros líderes tivessem dito que não. Já Paul argumenta que, embora houvesse a probabilidade de não haver conflito, a verdade é que todos os intervenientes disseram que sim ao mesmo. Além disso, Kropp realça o facto sobre quem tem a voz da razão nesta guerra, pois, tanto alemães como franceses estão a defender o seu país. Posto isto, na visão destes soldados a causa de origem da guerra advém do egoísmo proveniente na natureza e no comportamento do homem, ou seja, dos governantes dos países envolventes que, por sua vez, usam a mesma retórica, de modo a ter o apoio nacional para este conflito:

““But what I would like to know,” (...) “is whether there would not have been a war if the Kaiser had said No.” “I’m sure there would,” (...) “he was against it from the first.” “Well, if not him alone, then perhaps if twenty or thirty people in the world had said No.” “That’s probable,” (...) “but they damned well said Yes.” “It’s queer, when one thinks about it,” (...) “we are here to protect our fatherland. And the French are over there to protect their fatherland. Now who’s right?” (...) “but our professor and parsons and newspapers say that we are the only ones that are right, and let’s hope so;--

but the French professor and parsons and newspapers say that the right is on their side, now what about that?"” (Remarque, 2023, p.197)

Num outro diálogo em se que aborda as diferenças entre o Estado e a pátria, Kat pretende destacar que a maioria dos soldados, tanto da Alemanha como da França, são pessoas simples com profissões humildes que não têm motivos para se atacarem. Por outras palavras, as mesmas nunca foram questionadas sobre se queriam ou não esta guerra, sendo, por sua vez, obrigadas a cumprir as ordens dos seus líderes que são os verdadeiros cabecilhas que orquestram este conflito (Remarque, 2023, pp.198-199).

Tjaden questiona o verdadeiro propósito desta guerra e Kat responde que há pessoas que acham a mesma útil. Por conseguinte, Tjaden argumenta que o conflito não tem utilidade para o Kaiser, pois, o mesmo já tem tudo o quer. No entanto, Kat refuta que este imperador ainda não teve uma guerra em nome dele e, de modo a se tornar um imperador completo, o mesmo precisa de uma guerra, caso contrário não se tornaria famoso. Por sua vez, Detering declara que há também generais que se tornam famosos através da guerra e que existem pessoas que lucram com a mesma (Remarque, 2023, p.199).

De uma forma sucinta, está presente a noção de que existe uma luta de poderes, não por bens escassos, mas sim com o objetivo de alcançar ainda mais poder. Posto isto, na visão de Kat, o Kaiser impulsiona esta guerra com a intenção de se glorificar enquanto imperador da Alemanha e, por conseguinte, colocar o seu nome ao lado de líderes que marcaram a história.

Por último, Albert afirma que a guerra é como uma espécie de febre, isto é, todos diziam que não queriam a mesma e, no entanto, meio mundo está envolvido no conflito. Por sua vez, Paul Bäumer afirma que o lado inimigo conta mais mentiras do que os alemães e quem perpetua tais ações é que são os verdadeiros culpados de a guerra ainda perdurar. Numa interação entre Müller e Tjaden, o primeiro afirma que é preferível que este conflito ocorra na frente ocidental, evitando que a Alemanha fique destruída pelos bombardeamentos, já o segundo remata que melhor ainda seria que não houvesse guerra de todo. Para concluir, é de destacar que, no período da mesma, os Aliados criavam estes panfletos com o objetivo de denegrir a imagem dos soldados alemães, de modo a garantir o apoio nacional para combater a maldade exercida pela Alemanha na guerra:

““But there are more lies told by the other side than by us,” (...) “just think of those pamphlets the prisoners have on them, where it says that we eat

Belgian children. The fellows who write those lies ought to go and hang themselves. They are the real culprits.”” (Remarque, 2023, p.200)

Conclusão

O presente capítulo providencia uma explicação sobre as características do primeiro nível de análise de Kenneth Waltz. Por conseguinte, foram identificadas as análises e passagens nas obras literárias de Ernest Hemingway e Erich Maria Remarque que, por sua vez, procuraram validar as características e ainda responder às perguntas derivadas apresentadas.

Assim sendo, pode-se afirmar que, tanto em Hemingway como em Remarque, o “Comportamento Humano” é uma das causas de conflitos e também uma das causas de expansão dos mesmos, demonstrando assim que a primeira hipótese consegue responder às perguntas apresentadas. No entanto, seria prematuro concluir que apenas este primeiro elemento em questão fosse suficiente para satisfazer as mesmas, tornando-se imperativo a análise dos outros elementos. Posto isto, o capítulo II abordará o segundo nível de análise, no qual o mesmo terá também o objetivo de responder às questões propostas.

Capítulo II – Estrutura interna dos Estados

Por sua vez, este capítulo abordará o segundo elemento básico definido por Waltz, “Estrutura interna dos Estados”, que estará dividido em duas secções: a primeira relativa à caracterização dos conteúdos que descreverão esta análise e a segunda referente à identificação das análises e passagens nos dois romances que validarão as características que definem este elemento.

2.1. O segundo nível de análise

De uma forma sucinta, a primeira imagem não excluía a influência do Estado, mas o papel do mesmo era introduzido como uma consideração menos importante face ao comportamento humano. Apesar de tudo estar relacionado com a natureza humana, a verdade é que para explicar qualquer coisa é preciso considerar mais do que a mesma, pois, os acontecimentos a explicar são tantos e tão variados que a natureza humana não pode ser o único fator determinante. Posto isto, Waltz afirma que para compreender a guerra e paz, a análise política deve ser usada para complementar e ordenar as conclusões da psicologia e da sociologia. Relativamente a possíveis explicações da ocorrência ou não ocorrência da guerra, tem-se duas hipóteses: primeiro, pode-se olhar para a política

internacional, uma vez que, a guerra ocorre entre Estados; segundo, pode-se olhar para os próprios Estados, dado que é em nome do Estado que a luta é efetivamente travada. Por outras palavras, a organização interna dos Estados é a chave para a compreensão da guerra e da paz (Waltz, 2001, pp.80-81).

A segunda imagem pode ser explicada da seguinte forma: a guerra promove, na maioria das vezes, a unidade interna de cada Estado envolvido, ou seja, o Estado afetado por conflitos internos pode então, em vez de esperar pelo ataque accidental, procurar a guerra que trará a paz interna. Por sua vez, Bodin conclui o seguinte:

“the best way of preserving a state, and guaranteeing it against sedition, rebellion, and civil war is to keep the subjects in amity one with another, and to this end, to find an enemy against whom they can make common cause.”

(Waltz, 2001, p.81)

Assim sendo, o uso de defeitos internos para explicar os atos externos do Estado que provocam a guerra pode assumir diversas formas, sendo que essa explicação pode estar relacionada com um tipo de governo que se pensa ser genericamente mau. Por exemplo, é frequente pensar-se que as privações impostas pelos déspotas aos seus súbditos produzem tensões que podem encontrar expressão em aventuras no estrangeiro, ou então que esta explicação pode ser dada em termos de defeitos de um governo que não é considerado mau (Waltz, 2001, pp.81-82).

Por conseguinte, tem-se argumentado que as restrições impostas a um governo para proteger os direitos prescritos dos seus cidadãos atuam como impedimentos à elaboração e execução da política externa. Além disso, as mesmas podem ter o efeito de dificultar ou impossibilitar a ação eficaz desse governo para a manutenção da paz no mundo. Por último, a explicação pode ser feita em termos de privações geográficas ou económicas, nas quais uma nação pode argumentar que não alcançou as suas fronteiras naturais. Por outras palavras, a guerra é justificada ou até mesmo necessária, pois, a mesma permite ao Estado alargar ao seu merecido espaço, na medida que o mesmo declara que essas fronteiras são necessárias para a sua segurança. De uma forma sucinta, estes argumentos têm sido usados tanto para explicar por que razão os países carenciados entram em guerra como para instar os países saciados a fazerem os ajustamentos compensatórios considerados necessários para que a paz se perpetue (Waltz, 2001, pp.82-83).

Embora os exemplos ilustrados revelem uma parte da segunda imagem relativa à ideia de que os defeitos dos Estados causam guerras entre si, é possível, no entanto, pensar que as guerras podem ser explicadas por defeitos em alguns ou em todos os Estados sem acreditar que a simples remoção dos mesmos estabeleceria a base para a paz perpétua. Posto isto, a proposição a ser considerada é que, através da reforma dos Estados, as guerras podem ser reduzidas ou eliminadas para sempre. Assim sendo, diversos autores expõem as suas visões sobre a definição de um bom estado: Karl Marx que define o bem em termos de propriedade dos meios de produção; Immanuel Kant em termos de princípios abstratos e Woodrow Wilson em termos de autodeterminação nacional e organização democrática moderna. Apesar das suas diferenças, todos estão unidos na afirmação de que se, e somente se, substancialmente todos os Estados se reformarem, a paz mundial será alcançada (Waltz, 2001, pp.83-84).

De uma forma geral, existe o consenso de que paz só pode ser alcançada se um determinado padrão de organização interna se generalizar e de que as prescrições de formas de organização que estabelecerão a paz são reflexos das análises originais do papel de alguns Estados na provocação da guerra. De seguida, Waltz examina o pensamento político dos liberais do século XIX, porque, de modo a analisar a sua tese sobre as condições internas determinarem o comportamento externo, é necessário primeiro considerar as suas visões sobre as políticas internas (Waltz, 2001, pp.84-85).

Segundo Hobbes, a auto-preservação é o principal interesse do homem, mas como a inimizade e a desconfiança resultam da competição, porque alguns homens são egoístas, cheios de orgulho e ávidos de vingança, todos no estado de natureza temem pela sua segurança e cada um procura ferir o outro antes de se ferir a si próprio. Portanto, como a vida no estado de natureza é impossível, os homens recorrem ao Estado para encontrar coletivamente a segurança que não conseguem encontrar individualmente. Além disso, Hobbes definiu a liberdade como a ausência de restrições, porém, os homens têm de sacrificar algumas liberdades para poderem usufruir de qualquer uma delas e têm, ao mesmo tempo, de satisfazer o impulso de se manterem vivos (Waltz, 2001, p.85).

Nesta análise existem três variáveis, o indivíduo, a sua sociedade e o Estado, sendo que as duas primeiras determinam a extensão e o tipo de funções que o Estado deve assumir. Embora os membros das escolas de pensamento dominantes no final do século XVIII e XIX, em Inglaterra, sejam individualistas como Hobbes, os mesmos rejeitavam a visão de Hobbes sobre a natureza humana e a sua opinião sobre os resultados sociais do

comportamento egoísta. Posto isto, a maior parte deles acreditava que o homem é, em geral, bom e que, embora o comportamento individual pudesse ser orientado para o egoísmo, existe uma harmonia natural que conduz, não a uma guerra de todos contra todos, mas sim a uma sociedade estável, ordenada e progressiva, com pouca necessidade de intervenção governamental (Waltz, 2001, pp.85-86).

Existe uma unanimidade entre os autores políticos liberais ingleses do século XIX sobre o que permite o funcionamento de qualquer sistema socioeconómico: por um lado, a iniciativa individual é o motor do sistema; por outro, a concorrência no mercado livre é o seu regulador. Isto torna-se evidente em John Stuart Mill que conclui que a única fonte infalível e permanente de aperfeiçoamento é a liberdade e também em Adam Smith que destaca o esforço uniforme, constante e ininterrupto de cada homem para melhorar a sua condição. Por sua vez, Jeremy Bentham afirma que quanto mais os homens vivem em público, mais suscetíveis se tornam à sanção moral, tornando-se assim todos os dias mais virtuosos até que a sua natureza chegue à perfeição, embora a mesma possa não ser alcançada. Assim sendo, as restrições impostas aos indivíduos são, então, mais do que negações de liberdade pessoalmente irritantes, pois poluem as próprias fontes de melhoria social (Waltz, 2001, pp.86-87).

De uma forma geral, os homens, embora possam estar a trilhar o caminho para a perfeição, ainda não chegaram ao seu fim, e o governo, ainda que as suas leis restrinjam, não constitui a única restrição exercida pelos homens sobre os homens. Por sua vez, os liberais estavam inclinados a limitar o governo por princípio, princípio esse que decorria, de uma avaliação otimista das qualidades morais e das capacidades intelectuais da humanidade. Já os utilitaristas estavam inclinados a limitar o governo apenas pelo teste da eficiência. De uma forma sucinta, aquilo que é importante aqui não é o velho princípio da divisão de trabalho, mas sim o novo argumento de que os resultados do trabalho dividido na produção e distribuição de bens podem ser reunidos novamente e distribuídos equitativamente sem a supervisão do governo. Contudo, o facto de que, no passado, todos procuraram não o bem-estar público, mas sim o seu próprio bem, levou à conclusão de que a regulamentação governamental é necessária para evitar o caos (Waltz, 2001, pp.87-88).

Através de uma confiança exagerada no regulador do mercado livre, a definição liberal do Estado bom como Estado limitado podia ser mantida mesmo por aqueles que rejeitavam o pressuposto frequentemente associado ao liberalismo - que o homem é

infinitamente perfectível. Por sua vez, Mandeville afirma que a ganância de cada homem o leva a trabalhar arduamente para aumentar a sua própria fortuna e, por conseguinte, os próprios vícios do homem contribuem para o progresso da sociedade. Porém, esta mesma ganância pode levar também o homem a fazer batota, a mentir e a roubar, destacando assim o surgimento da função do governo que consiste em garantir a segurança das pessoas e dos seus bens (Waltz, 2001, pp.88-89).

De uma forma geral, a maioria das declarações dos liberais e utilitaristas indicam que a justiça é a última preocupação do governo e a sua crença no Estado limitado pode ser demonstrado mais convincentemente ao destacar as suas próprias reações a fatores sociais que achem alarmantes. Posto isto, Adam Smith estava preocupado com a tendência da classe patronal em tirar partido da sua posição económica a fim de maximizar os lucros, através de medidas monopolistas e à custa das classes fundiária e trabalhadora:

“Seldom, (...), do people of the same trade meet together, “even for merritment and diversion, but the conversation ends in a conspiracy against the public, or in some contrivance to raise prices.” The government’s role? It should do nothing to encourage the members of a trade to come together.”
(Waltz, 2001, p.89)

Assim sendo, Smith estava convencido de que as desigualdades antinaturais eram o produto da interferência governamental e, deste modo, o mesmo denunciou todas as funções policiais do governo, exceto as mais estritamente definidas, chegando ao ponto de aplaudir a revogação de leis contra o regramento, a silvicultura e a apropriação, embora essas leis fossem fundamentais para manter o mercado livre que estava na base do seu sistema ideal (Waltz, 2001, pp.89-90).

Por sua vez, John Stuart Mill, porta-voz dos Radicais que procuraram traduzir esses princípios num programa político, justificou um sufrágio para as classes média e alta, ridicularizou a proposta de lei para um dia de trabalho de oito horas e argumentou que, se os salários eram baixos e o trabalho estava indisponível, não era porque a concorrência não fosse regulamentada, mas sim porque as classes mais pobres ignoravam os ensinamentos de Malthus⁸. Apesar do programa dos Radicais ser, em grande parte,

⁸ Thomas Malthus (1766-1834) foi um economista e demógrafo inglês, mais conhecido pela sua teoria de que o crescimento da população tenderá sempre a ultrapassar a oferta de alimentos e que a melhoria da

negativo devido à eliminação dos impostos sobre os bens de primeira necessidade, à proibição da flagelação no exército e à revogação das Leis de Milho, houve a adição de uma política positiva importante que consistia na criação de um sistema de educação nacional. Posto isto, o esforço deste programa foi no sentido de proibir a ação do Estado, de modo a deixar prevalecer a harmonia natural dos interesses (Waltz, 2001, p.91).

Contudo, questiona-se sobre se as funções atribuídas ao Estado serão suficientes para manter as condições que uma economia *laissez-faire* e uma sociedade liberal exigem: unidades aproximadamente iguais competindo livremente, e indivíduos moralmente responsáveis e mentalmente em alerta. Por outras palavras, desde que as unidades concorrentes sejam aproximadamente iguais, o seu sucesso será decidido pela eficiência comparativa na satisfação da procura dos consumidores. Além disso, para aqueles que reconheceram que a propriedade é potencialmente poder, segue-se que a desigualdade económica deve dar a alguns uma vantagem em termos de poder sobre outros. Na opinião de Mill, esta situação poderia ser justamente designada como a tirania do capital e, embora o mesmo continuasse a preferir soluções privadas, reconhecia que estas nem sempre eram suficientes. Isto torna-se evidente no seu tratamento do problema da terra, no qual Mill insistia que os aumentos não obtidos do valor da terra fossem tributados e estava mesmo disposto a considerar o Estado como senhorio universal (Waltz, 2001, pp.91-92).

Ainda na visão de John Stuart Mill, o liberalismo utilitarista transitou da proibição da ação do Estado para a prescrição do tipo de ação estatal desejável. Além disso, a conveniência da ação do Estado aumentou quando se determinou que uma sociedade sem restrições não realiza nem mantém automaticamente as condições descritas como pré-requisitos para o funcionamento eficaz do regulador do mercado livre. Por conseguinte, Mill procurou basear as prescrições políticas numa distinção entre dois tipos de atos, os que afetam apenas o ator e os que afetam os outros. Entre ambos, Mill está focado no segundo, pois, aquilo que preocupa o mesmo é a falta de justiça com que o regulador do mercado livre distribui as recompensas entre aqueles que participam nos processos de produção (Waltz, 2001, p.93).

humanidade é impossível sem limites rígidos à reprodução. Este pensamento é comumente designado por *malthusianismo*.

Liberais e utilitaristas descreveram as condições necessárias para o funcionamento justo e eficiente de uma sociedade laissez-faire, sendo que estava latente na própria lógica do liberalismo a possibilidade de ser necessária uma ação governamental para concretizar e manter essas condições. Assim sendo, o Estado pode ter de intervir de formas não previstas inicialmente, como por exemplo, evitar o aparecimento de desigualdades económicas extremas. Posto isto, as leis aprovadas pelos governos não são as únicas restrições à liberdade individual e a propriedade, tornada em poder, pode exigir regulamentação no interesse de uma concorrência livre e efetiva. De uma forma sucinta, a insistência dos liberais na economia, na descentralização e na liberdade de regulação governamental só faz sentido se o seu pressuposto de que a sociedade se autorregula for válido. Por outras palavras, uma sociedade autorreguladora é um meio necessário que se torna parte do fim ideal dos liberais, isto é, se uma política de laissez-faire só é possível com base nas condições descritas como necessárias, então o próprio ideal de laissez-faire pode exigir a ação do Estado (Waltz, 2001, p.94-95).

Após ter ficado com uma noção sobre a visão liberal relativa às políticas internas, observe-se agora a sua visão face às Relações Internacionais. Treitschke definiu o dever primário do Estado como o duplo dever de manter o poder fora e a lei dentro. Posto isto, a primeira obrigação do Estado deve ser o cuidado com o seu exército e a sua jurisprudência, a fim de proteger e restringir a comunidade dos seus cidadãos. Neste sentido, Adam Smith tinha dito a mesma coisa, ou seja, que o Estado se preocupa externamente com a defesa e internamente com a justiça. Em seguida, tem-se um contraste entre Hobbes e Treitschke, sendo que o primeiro aborda o problema de a ordem interna ter sido facilitado aos liberais por suposições otimistas sobre o homem e a sociedade, e o segundo aborda o problema da segurança externa ter sido facilitado aos mesmos por suposições otimistas sobre as características dos Estados e da comunidade internacional (Waltz, 2001, pp.95-96).

De uma forma geral, o Estado só precisa de desempenhar um mínimo de funções face a assuntos internos. Já em questões internacionais, a ausência de uma autoridade política suprema só precisa de colocar um mínimo de problemas. Posto isto, tal como Hobbes, os liberais aceitam o Estado como desempenhando funções necessárias, e também, como Treitschke, aceitam a guerra como o último meio de resolver disputas entre Estados. Por sua vez, Bentham reconhece a necessidade de os Estados recorrerem

ocasionalmente à guerra para corrigir um erro, pelas mesmas razões que os indivíduos têm, por vezes, de recorrer aos tribunais (Waltz, 2001, p.96).

Enquanto para compreender a visão dos liberais sobre o Estado, foi necessário analisar as suas concepções do homem e da sociedade, agora, de modo a compreender a sua visão sobre as RI, é preciso analisar as suas concepções do Estado e da comunidade de Estados. Assim sendo, os primeiros liberais e utilitaristas partiam do princípio de que havia uma harmonia objetiva de interesses na sociedade e que o mesmo pressuposto é aplicado às Relações Internacionais. Posto isto, John Stuart Mill afirma o seguinte: *“I believe,” (...) “that the good of no country can be obtained by any means but such as tend to that of all countries, nor ought to be sought otherwise, even if obtainable.”* (Waltz, 2001, p.97).

Em relação à promoção dos interesses, existe dois polos: por um lado, os interesses transitórios das casas reais podem ser promovidos na guerra; por outro, os interesses verdadeiros de todos os povos são promovidos pela paz. Além disso, a maioria dos homens sofre, porque alguns estão em posições que lhes permitem satisfazer as suas ambições reais. Por sua vez, James Shotwell declara que a doutrina política da paz internacional é um paralelo da doutrina económica de Adam Smith, pois, assenta de forma semelhante no reconhecimento de interesses materiais comuns e recíprocos, que se estendem para além das fronteiras nacionais. Assim sendo, se os interesses verdadeiros fossem plenamente considerados, as fronteiras nacionais deixariam de ser barreiras, e a cooperação, ou a concorrência construtiva, é a forma de fazer avançar simultaneamente os interesses de todos os povos (Waltz, 2001, p.98).

Através deste argumento retira-se não só que o comércio livre é a política correta, como também que as tentativas de alargar o território do Estado, seja anexando vizinhos ou adquirindo colónias, são insensatas. Além disso, as despesas de conquistar e manter não podem ser compensadas por vantagens no comércio, pois, as mesmas podem ser obtidas, sem despesas, sob uma política de livre comércio. Em última análise, os liberais afirmam que o bem-estar dos povos do mundo só pode aumentar na medida em que a produção aumenta. Por conseguinte, a produção floresce em paz e a distribuição será equitativa se todos os cidadãos forem livres de procurar os seus interesses em qualquer parte do mundo. Em contrapartida, a guerra é a destruição e o enriquecimento resultante da mesma deve, portanto, ser uma ilusão, ou seja, o vencedor não ganha com a guerra, podendo apenas orgulhar-se de perder menos do que os vencidos (Waltz, 2001, p.99).

Tal como foi mencionado, os liberais tinham demonstrado a harmonia objetiva de interesses entre os Estados. Por sua vez, as suas propostas racionais - que a guerra não compensa e que a paz é do interesse verdadeiro de todos - confrontam as práticas irracionais dos Estados. Antes de se responder como é que o racional pode prevalecer sobre o irracional, é preciso primeiro explicar porque é que a guerra, o caminho irracional para todos os Estados, caracteriza as relações entre si. Posto isto, questiona-se a razão que leva os governos a fazer guerra e a resposta consiste no facto da mesma dar-lhes uma desculpa para aumentar os impostos, expandir a burocracia e aumentar o seu controlo sobre os cidadãos. Por outras palavras, as causas ostensivas da guerra são meros pretextos, ou seja, formas de comprometer as nações com as guerras que os seus governantes querem por razões egoístas (Waltz, 2001, p.100).

Apesar do interesse do povo ser a paz, os seus governantes querem a guerra e isto ocorre, porque as pessoas não se apercebem claramente dos seus reais interesses, mas, mais importante ainda, quando os verdadeiros interesses do povo são percebidos, os mesmos não encontram expressão na política governamental. Por sua vez, Thomas Paine descreve como as conquistas da Revolução Francesa poderiam afetar as RI:

“Monarchical sovereignty, the enemy of mankind, and the source of misery, is abolished; and sovereignty itself is restored to its natural and original place, the nation.” (...) “Were this the case throughout Europe,” (...) “the cause of war would be taken away.” (Waltz, 2001, p.101)

Assim sendo, a democracia é a forma pacífica do Estado e o controlo da política pelo povo seria sinónimo de paz. Por conseguinte, desenvolveram-se duas ideias sobre esse controlo: a primeira por Kant e Louis L. Ludlow, cuja premissa consistia em que fosse o futuro soldado de infantaria a decidir se o país devia ou não entrar em guerra, uma vez que, dar voz direta aos que mais sofrem com a mesma reduziria drasticamente a sua incidência; a segunda por Bentham que, tal como Woodrow Wilson e Lord Cecil, estava convencido de que a opinião pública mundial é a sanção mais eficaz e, por si só, talvez suficiente para a paz. Posto isto, o interesse e a opinião combinam-se para garantir uma política de paz, pois, se os governantes responderem aos desejos da população, é de esperar que a opinião pública funcione efetivamente como uma sanção (Waltz, 2001, pp.101-102).

No entanto, a fé na opinião pública e nas tendências uniformemente pacíficas das democracias revelou-se utópica. Contudo, apesar desse utopismo dos liberais, a sua proposta não é a de que, a qualquer momento do tempo, a guerra poderia ser abolida por atos de vontade informada, mas sim a de que o progresso aproximou o mundo do ponto em que a guerra pode ser eliminada nas relações entre Estados. Por outras palavras, a história aproxima-se da fase em que se pode esperar que a razão, tanto a nível internacional como doméstico, prevaleça nos assuntos humanos e que a utilidade é o objetivo da ação do Estado, tal como da ação individual. De uma forma sucinta, para que haja paz, o despotismo deve dar lugar à democracia, de modo que a utilidade, não de grupos minoritários, mas sim do povo, seja o objetivo procurado (Waltz, 2001, pp.102-103).

2.2. Identificação das análises e passagens dos romances

Após ficar com uma ideia mais clara sobre as características relativas ao segundo nível de análise definido por Waltz, o foco volta-se para a identificação das análises e passagens provenientes nas obras de Ernest Hemingway e Erich Maria Remarque que validarão estas mesmas características. Além disso, tentarão, por sua vez, demonstrar se esta segunda hipótese consegue ou não responder às perguntas derivadas apresentadas: P1- Quais as causas dos conflitos em Hemingway e Remarque? P2- Quais as causas para a expansão dos conflitos em Hemingway e Remarque?

Mais uma vez, começa-se com o romance *A Farewell to Arms*, no qual Hemingway destaca de novo os diálogos entre o tenente Frederic Henry e as outras personagens que comentam entre si a forma como a sua liberdade está restringida durante o período de guerra e como os soldados são tratados na linha da frente. Posto isto, salienta-se uma conversa entre as duas enfermeiras, Helen Ferguson e Catherine Barkley, relativa ao facto de que as cartas que as mesmas e os soldados escreviam estavam sob o controlo da censura, ou seja, eles estavam limitados apenas a descrever a guerra de uma forma positiva, na qual Ferguson realçava a bravura dos italianos. Por sua vez, Barkley destaca ainda que esse tipo de discurso poderia resultar numa condecoração. De uma forma sucinta, está explícito a restrição da liberdade de expressão dos soldados e enfermeiras, pois, ambos poderiam ser acusados de propaganda antiguerra (Hemingway, 1929, p.25).

Seguindo os ditames da segunda imagem, existe um choque com os interesses reais dos seus governantes que procuram usar todas as instituições presentes no Estado,

como por exemplo, a censura, de modo a controlar os discursos dissidentes e assim manter a sua narrativa favorável à guerra.

Por sua vez, Henry salienta, através da sua observação de um regimento, o contraste na qualidade do equipamento, por um lado, os oficiais usam capacetes adequados à sua medida, por outro, os soldados usam capacetes demasiados grandes. Além disso, destaca ainda o estado físico e psicológico dos soldados que seguem atrás do regimento, sendo que um soldado americano chama a atenção do tenente que lhe pergunta o porquê de não ir no transporte ou mesmo a um hospital devido ao seu estado de saúde grave. Em sua defesa, o americano expõe que não o deixariam, porque um tenente afirmou que o próprio tinha escorregado de propósito na muleta, ou seja, na guerra era comum os soldados serem obrigados a lutar, apesar das suas lesões, porque os seus superiores acusavam-nos de se magoarem intencionalmente. Assim sendo, tem-se presente um certo abuso de poder por parte das autoridades, no qual o mesmo se impõe sobre os soldados, de modo a obrigá-los a combater a guerra (Hemingway, 1929, pp.35-36).

Em seguimento com o parágrafo anterior, expõe-se a seguinte a passagem relativa a uma hipótese proposta por Henry face ao desespero do soldado americano que, após experienciar o horror iminente da linha da frente, faz de tudo para não voltar para a mesma:

*““Listen, lieutenant. Do you have to take me to that regiment?” “Yes.”
“Because the captain doctor knew I had this rupture. I threw away the
goddam truss so it would get bad and I wouldn’t have to go to the line again.”
(...) “If I go back they’ll make me get operated on and then they’ll put me in
the line all the time.” (...) “You wouldn’t want to go in the line all the time,
would you?” (...) “No.” (...) “Listen,” (...) “You get out and fall down by
the road and get a bump on your head and I’ll pick you up on our way back
and take you to a hospital.”” (Hemingway, 1929, p.37)*

Retoma-se de novo os diálogos entre Henry e os mecânicos que odiam esta guerra sobre quem efetua os ataques por parte da Itália, sendo destacado o bersaglieri⁹. Por sua vez, Passini demonstra um desprezo pelos carabinieri¹⁰ devido ao facto dos mesmos tiraram prazer em matar sempre a décima pessoa. Acrescenta-se ainda que, embora os

⁹ Italian riflemen.

¹⁰ Italian military police.

granatieri¹¹ não quisessem lutar pela sua pátria, os carabinieri ameaçavam as suas famílias, obrigando-os a atacar, pois, os seus entes queridos não teriam a lei para os proteger (Hemingway, 1929, p.51). Posto isto, fica claro que a função do governo em garantir a segurança das pessoas e dos seus bens é distorcida por aqueles que estão na posição de poder que usam as estruturas internas do Estado de acordo com o seu interesse individual, controlando por completo os seus cidadãos no decurso desta guerra:

““One of those shot by the carabinieri is from my town,” (...) “He was a big smart tall boy to be in the granatieri. Always in Rome. Always with the girls. Always with the carabinieri.” (...) “Now they have a guard outside his house with a bayonet and nobody can come to see his mother and father and sisters and his father loses his civil rights and cannot even vote. They are all without law to protect them. Anybody can take their property.” “If it wasn’t that that happens to their families nobody would go to the attack.”” (Hemingway, 1929, p.52)

Além disso, numa conversa entre Henry e Passini sobre a guerra não ser ganha através da vitória, destaca-se a ambição da Itália em querer recuperar diversos territórios que, segundo a mesma, pertencem à soberania italiana. Contudo, a guerra prevalece, apesar da dificuldade dessa ambição e do facto de tanto a Itália como a Áustria-Hungria terem os seus próprios países, e Passini realça aqueles que fazem dinheiro com a mesma (Hemingway, 1929, pp.53-54).

De acordo com o segundo nível de análise, um dos defeitos internos que explica os atos externos destes dois Estados recai em termos de privações geográfica, sendo que ambos argumentam que não alcançaram as suas fronteiras naturais. Por conseguinte, recorrem à guerra, de modo que os Estados alarguem o seu merecido espaço, também necessário para a sua segurança. Relativamente ao enriquecimento resultante da guerra, destaca-se a ilusão por trás da mesma, porque, na verdade, o vencedor não ganha com a mesma, apenas pode orgulhar-se de perder menos do que os vencidos.

No entanto, a Itália fracassa nos seus objetivos, uma vez que, perde em todas as frentes, revelando assim que a mesma teve mais olhos que barriga. Por conseguinte, os italianos perderam 150 mil soldados em Bainsizza plateau e San Gabriele e ainda 40 mil em Carso, levando à insurgência de motins tanto em Roma como em Turim (Hemingway,

¹¹ Italian grenadiers.

1929, p.142). Assim sendo, tem-se aqui o primeiro indício de insatisfação do povo italiano que, esmorecido pelas pesadas derrotas no verão de 1917, começa a revoltar-se contra os seus líderes que insistem na sua narrativa de glorificar a guerra, continuando assim a comprometer toda uma nação com uma guerra que os seus governantes querem por razões egoístas.

Tendo em conta o que foi escrito anteriormente, surge um diálogo entre o padre e o tenente Henry sobre quem ganhou a batalha no verão e que tipo de sentimentos existem quer do lado da Itália quer do lado do Áustria-Hungria. Na visão do padre, ninguém ganhou a batalha e tanto austríacos como italianos partilham o mesmo sentimento após os acontecimentos no verão. Por sua vez, Henry afirma que os austríacos saíram vitoriosos e que ambos os lados têm sentimentos diferentes: por um lado, os italianos desolados com a derrota; por outro, os austríacos, impulsionados pela sua vitória, não vão parar de atacar. Posto isto, o padre sente-se desencorajado com as palavras do tenente, porque o mesmo achou que, através do sentimento mútuo, a guerra podia estar a chegar a um fim (Hemingway, 1929, p.189). Além disso, é de realçar a seguinte declaração do padre:

““Many soldiers have always felt this way. It is not because they were beaten.” “They were beaten to start with. They were beaten when they took them from their farms and put them in the army. That is why the peasant has wisdom, because he is defeated from the start. Put him in power and see how wise he is.”” (Hemingway, 1929, pp.189-190)

De uma forma geral, fica a ideia de que se fosse o camponês a estar numa posição de poder, é provável que não houvesse conflito, porque o mesmo poderia chegar à conclusão que a mesma não compensa. Assim sendo, pode-se concluir que o controlo político devia passar para o povo, uma vez que, o verdadeiro interesse do mesmo é a paz, na qual a produção prospera e a distribuição torna-se mais equitativa, aumentando assim o bem-estar dos povos do mundo.

Por sua vez, Henry vai narrando uma sucessão de ataques por parte dos austríacos que não são bem-sucedidos até que uma noite soa o alarme para uma possível retirada. Aqui destaca-se alguma inconsistência nas ordens: por um lado, tem-se a Brigada que diz para segurar a linha de Bainsizza, custe o que custar; por outro, tem-se a Divisão que ordena a fuga devido ao medo do rompimento da linha ter sido causado por soldados

alemães. De uma forma sucinta, isto culmina na retirada de Caporetto por parte do tenente Henry e dos seus companheiros (Hemingway, 1929, pp.198-199).

Durante esta fuga, um dos mecânicos, Bonello, acaba por desertar devido ao receio de ser morto, deixando assim uma tarefa difícil para Henry, pois, o mesmo terá de ter cuidado com o que escreve sobre a ausência de Bonello, de modo a não trazer problemas para a sua família na eventualidade da guerra continuar. Porém, ao lado das personagens, estão a passar outros soldados da retirada e um deles declara que a guerra não vai prosseguir, devido ao facto de todos estarem a voltar para casa, afirmando desta forma que a guerra tinha acabado (Hemingway, 1929, p.234).

No entanto, existe um contraste entre estes soldados ingênuos que acreditam no fim do conflito e mandam as suas armas para o chão, e Henry e Piani que são mais realistas e acham que é bom demais para ser verdade de que a guerra realmente acabou e acham prematuro os soldados abdicarem das suas armas:

““If the war is over it makes no difference,” (...) “But I don’t believe it’s over. It’s too good that it should be over.” “We’ll know pretty soon,” (...) “I don’t believe it’s over. They all think it’s over but I don’t believe it.” “Viva la Pace!” (...) “We’re going home!” (...) “Andiamo a casa!” (...) “They throw away their rifles,” (...) “They take them off and drop them down while they’re marching. Then they shout.” “They ought to keep their rifles.” “They think if they throw away their rifles they can’t make them fight.””
(Hemingway, 1929, pp.234-235)

Com base no que foi escrito nos dois parágrafos anteriores, torna-se novamente visível qual o verdadeiro interesse do povo italiano que, ao estar completamente saturado por um conflito que se alastra há demasiado tempo, deseja o retorno da paz. Além disso, fica explícito a ideia desenvolvida por Kant e Ludlow sobre a premissa de ser o futuro soldado de infantaria a decidir se o país devia entrar na guerra ou não, pois, dar voz direta aos que mais sofrem com a mesma reduziria a sua incidência.

Por último, destaca-se um episódio que expõe de novo um abuso de poder pelas autoridades do Estado, sendo este referente ao clímax da retirada de Caporetto. Com base em rumores sobre possíveis agitadores alemães disfarçados com uniformes italianos e abandono de tropas, Henry assistiu à execução de oficiais por parte da polícia militar. Assim sendo, o mesmo entendeu que aquilo que lhe esperava era uma morte inevitável,

e, por conseguinte, acaba por desertar do exército italiano, fechando assim o seu capítulo na guerra (Hemingway, 1929, p.240).

Por sua vez, Remarque destaca através da sua obra, *All Quiet on the Western Front*, os diálogos entre Paul Bäumer e os seus companheiros que comentam entre si uma carta enviada por Kantorek, fazendo-os lembrar a forma como se alistaram para a guerra e como os seus sentimentos face a essa listagem foram mudando com o passar do tempo no conflito. Posto isto, o responsável pela listagem voluntária de Paul e dos seus colegas de turma foi o seu diretor de escola, Kantorek, que os persuadiu através das suas palestras sobre a importância do dever para com a pátria alemã. Embora estes jovens estivessem contentes por defender o seu país, a verdade é que ilusão perpetuada pela retórica ideológica dos seus superiores partiu-se quando o primeiro bombardeamento mostrou o erro desta geração em confiar nos mesmos. Apesar disto tudo, a lealdade destes jovens nunca pode ser questionada, pois, amam o seu país de forma incondicional, e, através da sua experiência vivida na guerra, aprenderam a distinguir o falso do verdadeiro (Remarque, 2023, pp.18-20).

Posto isto, fica claro que, de acordo com a segunda imagem, o real interesse dos governantes alemães é a guerra, sendo que os mesmos recorrem às suas instituições, como por exemplo, as escolas, de modo a assegurar o apoio nacional para o conflito. Além disso, o uso da ideologia na retórica de figuras de autoridade, neste caso, o diretor de escola, funciona como uma forma de comprometer uma nação a lutar uma guerra que os seus governantes querem por razões egoístas.

Em conformidade com o que foi escrito anteriormente, expõe-se a seguinte passagem: ““*We are the Iron Youth.*” (...) *Yes, that’s the way they think, these hundred thousand Kantoreks! Iron Youth. Youth! We are none of us more than twenty years old. But young? Youth? That is long ago. We are old folk.*”” (Remarque, 2023, p.25). De uma forma sucinta, o termo destacado por Kantorek não se aplica a Paul e aos seus companheiros, pois, os mesmos sentem-se como velhos, na medida que a sua juventude foi roubada e desfeita pela guerra. Por sua vez, Bäumer destaca no seu discurso uma rutura da vida destes jovens que, ao contrário dos mais velhos que já tinham uma ligação à sua vida anterior, não tiveram tempo de criar as suas próprias. Por conseguinte, a geração de Paul assim como as gerações dos outros países envolvidos viriam a ser conhecidos como a geração perdida, uma vez que, seriam dizimados pela guerra (Remarque, 2023, pp.26-27).

Como esta nova geração não tinha objetivos para o seu futuro, as suas ideias vagas deram à vida e à guerra um carácter ideal e quase romântico. Assim sendo, realça-se o impacto do treino realizado no exército pelos jovens que, rapidamente, adotaram a mentalidade que um soldado era suposto ter, no qual ninguém questiona o facto de um simples carteiro ter mais autoridade sobre eles tal como os seus pais e professores outrora tiveram (Remarque, 2023, p.28). De uma forma sucinta, os líderes tiram proveito do facto destes jovens não terem ideias firmes sobre a vida e a guerra, de modo a moldá-los no soldado ideal que não põe em causa a autoridade dos seus superiores e, por conseguinte, não questiona os pretextos usados pelos seus governantes em prol da sua narrativa favorável ao conflito.

Seguindo a lógica do parágrafo anterior, salienta-se a seguinte passagem referente ao facto que, perante o conceito de pátria perpetuado pelas suas figuras de autoridade, o soldado tem de renunciar à sua própria personalidade e que o mesmo foi treinado para se tornar um herói de guerra, ou seja, recorre-se à glorificação da mesma como uma forma de persuadir os jovens a combater em nome da pátria:

“With our young, awakened eyes we saw that the classical conception of the Fatherland held by our teachers resolved itself here into a renunciation of personality such as one would not ask of the meanest servants--salutes, springing to attention, parade-marches, presenting arms, right wheel, left wheel, clicking the heels, insults, and pettifoggish details. We had fancied our task would be different, only to find we were to be trained for heroism as though we were circus-ponies.” (Remarque, 2023, pp.28-29)

Em uma determinada altura do romance, Müller questiona os seus colegas sobre o que fariam após a guerra terminar e Kropp levanta a pergunta se algum deles deixar-se-ia levar de novo pelo discurso persuasivo de Kantorek, sendo que todos dizem que não. Posto isto, está explícito que, após terem experienciado os horrores inerentes à guerra, nenhum destes jovens teria acreditado nas palavras do seu diretor, pois, o mesmo estava a sentenciar toda uma geração para sua morte e, por conseguinte, dificultaria a tarefa dos seus governantes em assegurar o apoio nacional para o conflito (Remarque, 2023, p.86). No final deste diálogo, existe uma conclusão partilhada por todos de que o destino da sua geração é lutar e morrer nesta guerra, sendo que Kropp afirma que a mesma arruinou a sua juventude, na qual os próprios jovens apenas acreditam no conflito em questão, uma vez que, é o contexto que conhecem e vivem há dois anos (Remarque, 2023, pp.89-90).

Após terem sobrevivido a mais uma ofensiva inimiga, Paul descreve a forma como os soldados conseguem lidar com todos os horrores que já vivenciaram na linha da frente. O truque consiste em não fazer, propriamente, o luto dos seus camaradas mortos em ação e não pensar no estado físico em que os seus corpos ficam devido aos bombardeamentos ou tanques. Assim sendo, caso fizessem o oposto, corriam o risco de enlouquecerem de vez perante as atrocidades causadas pela desumanização presente na guerra. Contudo, Paul destaca a propaganda falsa sobre o bom humor das tropas devido aos mesmos frequentarem danças antes de irem para a linha da frente, o que não corresponde à verdade, pois, a boa disposição demonstrada pelos soldados está relacionada com a sua resistência psicológica (Remarque, 2023, pp.136-138). Posto isto, é claro o uso de outra instituição do Estado, na qual os líderes propagam notícias falsas, distorcendo assim a realidade, com o intuito de perpetuar uma ilusão ao povo alemão de que tudo corria bem na linha da frente e que os soldados estavam contentes por combater esta guerra.

Por sua vez, Paul visita a sua família durante o seu período de baixa e numa conversa com a sua mãe, o mesmo opta por omitir a dura realidade sobre a guerra, de modo a tranquilizar a ansiedade da mesma. Além disso, Bäumer destaca uma determinada falta de empatia e compreensão pelas pessoas que estão seu redor sobre a forma como retratam a linha da frente, afirmando ainda que apenas ele e os camaradas que experienciaram os verdadeiros horrores da mesma, é que podem compreender o quão terrível a guerra consegue ser. Relativamente à troca do uniforme para as roupas à civil, Paul sente-se estranho nelas, por causa de não as usar há muito tempo. Por sua vez, a mãe do mesmo fica agradada com a troca, embora o seu pai tenha uma opinião contrária, pois, quer mostrar aos seus conhecidos que tem orgulho no filho que luta pela pátria alemã na linha da frente (Remarque, 2023, pp.157-160).

Com base no que foi escrito acima, Paul destaca uma certa dificuldade em socializar com os outros, sobretudo, com o seu pai, porque percebe a curiosidade do mesmo em perguntar sobre a frente como estúpida e angustiante. Por outras palavras, o pai dele não tem noção que o filho não pode falar deste tipo de assuntos de forma leviana, uma vez que, pode pôr em causa todo o esforço de Paul em manter o seu equilíbrio mental (Remarque, 2023, p.161). Outra situação que deixa a personagem principal perplexa é quando outras pessoas, que estão fora da linha da frente, sugerem táticas de guerra que, na sua ótica, acabariam rapidamente com o conflito, no qual Paul responde que as coisas não são assim tão simples:

““Now, shove ahead a bit out there with your everlasting trench warfare-- Smash through the johnnies and then there will be peace.” I reply that in our opinion a break-through may not be possible. The enemy may have too many reserves. Besides, the war may be rather different from what people think.””

(Remarque, 2023, p.163)

De uma forma geral, pode-se concluir que os líderes usam todos os seus recursos com o objetivo de manter o seu real interesse em primeiro lugar, mesmo que isso implique distorcer a verdade nua e crua da guerra. Posto isto, é visível o contraste de ideias sobre a verdadeira realidade do conflito, ou seja, o povo alemão que não experienciou os horrores das trincheiras, possui um discurso nacionalista perpetuado pelos seus governantes de que a guerra é algo simples e rápido, no qual pensa-se que é fácil destruir o inimigo e, por conseguinte, alcançar a paz. Em contrapartida, soldados como o Paul, que vivem a guerra de forma intensa, têm uma visão mais realista e afirmam que a guerra não é assim tão simples de ganhar, porque o outro lado pode ter mais recursos que eles, fazendo com que este conflito se arraste por mais tempo.

Num diálogo entre Paul e Albert, salienta-se a causa da origem da guerra, sendo que apontam para o Kaiser e os outros líderes envolvidos, pois, todos quiseram este conflito por razões egoístas. Além disso, destaca a questão sobre quem tem afinal razão nesta guerra, na qual tanto alemães como franceses recorrem às instituições presentes nos seus Estados, tais como os professores e os jornais. Em seguida, realça-se uma conversa sobre uma distinção entre o Estado e o país, dentro da qual Kropp afirma que sem a presença do primeiro, o segundo não existiria. Porém, aquilo que Kat pretende destacar é o choque de interesses relativo à guerra: por um lado, tem-se os reais interesses dos governantes que querem a mesma; por outro, tem-se os verdadeiros interesses do povo que querem a paz. Por outras palavras, na visão de Kat, os soldados tanto da Alemanha como da França são pessoas simples que não têm razão nenhuma para se atacarem, mas que são obrigados a cumprir as ordens dos seus líderes que orquestram a guerra (Remarque, 2023, pp.197-199).

Tendo em conta o que foi mencionado anteriormente, expõe-se a seguinte passagem referente aos panfletos feitos pelos Aliados com o objetivo de denegrir a imagem dos soldados alemães, de modo a garantir o apoio nacional na luta contra a maldade exercida pela Alemanha. Contudo, Paul afirma que esses panfletos são falsos e acrescenta que as pessoas que os fazem são os verdadeiros culpados de a guerra ainda perdurar:

““But there are more lies told by the other side than by us,” (...) “just think of those pamphlets the prisoners have on them, where it says that we eat Belgian children. The fellows who write those lies ought to go and hang themselves. They are the real culprits.” (Remarque, 2023, p.200)

A última análise a ser destacada é relativa ao verão de 1918, no qual era notório que a Alemanha estava a perder a guerra. Contudo, embora a mesma já não tivesse mais homens e munições para contra-atacar a ofensiva levada a cabo pelos ingleses americanos, a campanha de guerra perpetuada pelos líderes alemães prosseguia, sentenciado desta forma o seu próprio povo a lutar por uma guerra sem sentido, onde só lhe esperava a morte (Remarque, 2023, p.270). Para o final do romance, surgem rumores sobre um armistício que poderá colocar um fim à guerra e Paul realça que, caso o mesmo não aconteça, haverá uma revolução, uma vez que, todos já estão fartos da mesma (Remarque, 2023, p.277).

De uma forma sucinta, fica explícito que verdadeiros interesses do povo, que até então não tinham encontrado expressão na política governamental, começam a ser percebidos para o final da guerra. Posto isto, o controlo da política devia passar para o povo, na medida que, tanto a nação alemã como as outras nações envolvidas, nunca pediram este conflito. Por último, destaca-se ainda presença da ideia desenvolvida por Kant e Ludlow cuja premissa consistia em que fosse o futuro soldado de infantaria a decidir se o país devia ou não entrar em guerra, uma vez que, dar voz direta aos que mais sofrem com a mesma reduziria drasticamente a sua incidência.

Conclusão

O presente capítulo providencia uma explicação sobre as características do segundo nível de análise de Kenneth Waltz. Por conseguinte, foram identificadas as análises e passagens nas obras literárias de Ernest Hemingway e Erich Maria Remarque que, por sua vez, procuraram validar as características e ainda responder às perguntas derivadas apresentadas.

Assim sendo, pode-se afirmar que, tanto em Hemingway como em Remarque, a “Estrutura interna dos Estados” é uma das causas de conflitos e também uma das causas de expansão dos mesmos, demonstrando assim que a segunda hipótese consegue responder às perguntas apresentadas. No entanto, seria prematuro concluir que apenas este segundo elemento em questão, tal como o primeiro, fosse suficiente para satisfazer

as mesmas, tornando-se imperativo a análise do último elemento. Posto isto, o capítulo III abordará o terceiro nível de análise, no qual o mesmo terá também o objetivo de responder às questões propostas.

Capítulo III – Sistema Internacional

Por último, este capítulo abordará o terceiro elemento básico definido por Waltz, “Sistema Internacional”, que estará dividido em duas seções e uma subseção: a primeira relativa à caracterização dos conteúdos que descreverão esta análise, sendo que a mesma terá ainda uma subseção sobre um capítulo da Stephanie Lawson que explicará o pensamento de Waltz que é baseado, sobretudo, na anarquia presente neste sistema, e a segunda referente à identificação das análises e passagens nos dois romances que validarão as características que definem este elemento.

3.1. O terceiro nível de análise

Na ausência de um sistema de direito aplicável entre muitos Estados soberanos, cada Estado julga as suas reclamações e ambições de acordo com os ditames da sua própria razão ou desejo, o que leva à ocorrência de conflitos que, por vezes, conduzem à guerra. De modo a obter um desfecho favorável de um conflito, um Estado tem de confiar nos seus próprios dispositivos, cuja eficiência relativa deve ser uma preocupação constante. Por sua vez, Waltz afirma que na anarquia não há harmonia automática e que um Estado recorrerá à força para atingir os seus objetivos se, após avaliar as perspetivas de sucesso, atribuir mais valor a esses objetivos do que aos prazeres da paz (Waltz, 2001, pp.159-160).

De certa forma, as três imagens fazem parte da natureza, ou seja, o homem, o Estado e o sistema estatal são elementos fundamentais em qualquer tentativa de compreender as Relações Internacionais, sendo raro um analista, por mais apegado que esteja a uma imagem, ignorar completamente as outras duas. Além disso, não é raro encontrar aqueles que estão inclinados a ver o mundo em termos da primeira ou da segunda imagem a contrariar o argumento frequentemente apresentado de que as armas não geram guerra, mas sim segurança e, possivelmente, até paz. Salienta-se ainda que o argumento tem dois propósitos: primeiro, é um mito desonesto criado para encobrir os interesses dos políticos, dos fabricantes de armamento e outros; segundo, é uma ilusão

honestamente alimentada por patriotas que estão, genuinamente, interessados na segurança dos seus Estados (Waltz, 2001, p.160).

Por conseguinte, este argumento ilustra uma aplicação supostamente prática da primeira e da segunda imagens, na qual, seja através da educação dos cidadãos e líderes dos Estados separados, seja através da melhoria da organização de cada um deles, procura-se uma condição em que a lição aqui aduzida se torne a base das políticas dos Estados. Assim sendo, o resultado seria o desarmamento que traria consigo a economia, a paz e a segurança para todos os Estados. Posto isto, o argumento foca-se na terceira imagem que tem por base a interdependência das políticas de todos os Estados. Contudo, antes de se abordar o pensamento político de Jean Jacques Rousseau, Waltz fará um resumo dos raciocínios dos filósofos Spinoza e Kant acerca dos seus pontos de vista sobre as RI, de modo a tornar as comparações entre a primeira e a segunda imagens mais úteis (Waltz, 2001, pp.161-162).

Spinoza explicou a violência através das imperfeições humanas, dentro das quais a paixão substitui a razão e os homens, que por interesse próprio procuravam cooperar uns com os outros em perfeita harmonia, envolvem-se em disputas e violência física. Por conseguinte, o defeito do homem é a causa do conflito e, se esta for a única causa, o fim do conflito dependerá da reforma dos homens. Além disso, Spinoza transitou do indivíduo e da nação para o Estado entre Estados, no qual o filósofo afirma que os Estados são como os homens: demonstram tanto um desejo de viver como uma incapacidade de gerir consistentemente os seus assuntos de acordo com os ditames da razão. Posto isto, Spinoza declara que as guerras entre Estados são tão inevitáveis quanto os defeitos inerentes à natureza humana (Waltz, 2001, p.162).

Por sua vez, Kant define os seres humanos como membros tanto do mundo dos sentidos como do mundo do entendimento. Contudo, o impulso e a inclinação superam a razão e o imperativo categórico é tão raramente seguido que, no estado de natureza, reinam o conflito e a violência. Por conseguinte, o estado civil surge como um constrangimento necessário, dentro do qual um conjunto de homens deve ter um juiz entre eles, que possa fazer cumprir as suas decisões, se quiser evitar a violência. Após a criação do Estado, os homens têm alguma possibilidade de se comportarem moralmente, na medida que o estado civil torna possível a vida ética do indivíduo ao proteger os direitos que eram logicamente seus no estado de natureza, embora na realidade ele não pudesse usufruir dos mesmos (Waltz, 2001, p.163).

Na visão de Kant, a paz entre os Estados é essencial para o desenvolvimento das capacidades humanas únicas. O mesmo declara ainda que os Estados do mundo são como indivíduos no estado de natureza: não são totalmente bons nem estão sob o controle da lei, pelo que o conflito e a violência entre eles são inevitáveis. No entanto, esta análise não leva Kant a concluir que um Estado mundial seja a solução, sendo a outra possibilidade relativa ao aperfeiçoamento dos Estados, ou seja, o objetivo da sua filosofia política é estabelecer a esperança de que os Estados possam melhorar e aprender o suficiente com o sofrimento e a devastação da guerra para tornar possível um Estado de direito entre eles que não dependa do poder, mas que seja voluntariamente observado (Waltz, 2001, pp.163-164).

De uma forma sucinta, existem dois fatores: primeiro, é a melhoria interna dos Estados; segundo, o Estado de direito externo. Porém, o segundo depende da perfeição com que o primeiro é realizado, isto é, o poder de aplicar a lei não deriva da sanção externa, mas sim da perfeição interna. Assim sendo, está-se perante uma solução que está de acordo com a segunda imagem, pois, baseia-se no aperfeiçoamento dos Estados separados. Por último, Kant conclui que, ao nível do Estado, existe um sistema político adequado que permite os indivíduos se comportarem eticamente. Por sua vez, um sistema comparativamente adequado não é alcançável a nível internacional, mas, ainda assim, deve-se manter a esperança de alcançar a paz entre os Estados (Waltz, 2001, p.164).

Na filosofia de Rousseau, a ênfase no quadro da ação do Estado torna desnecessários e impossíveis alguns dos pressupostos de Spinoza e Kant. Posto isto, tanto Montesquieu como Rousseau defendem que o estado de natureza de Hobbes, aplicando-se também a Spinoza, é uma ficção construída na suposição de que os homens na natureza possuem todas as características e hábitos que adquirem na sociedade, mas sem os constrangimentos impostos pela mesma. Destaca-se ainda que antes do estabelecimento da sociedade, os homens não desenvolveram os vícios do orgulho e da inveja, e quando o acaso os reúne, a consciência da fraqueza e da impotência dissuade-os de se atacarem. Por outras palavras, como ninguém conhece o orgulho ou a inveja, a parcimónia ou a avareza, só atacará o outro se a fome o levar a fazê-lo (Waltz, 2001, p.165).

Por sua vez, Montesquieu e Rousseau realçam um ponto importante relativo à dificuldade em conhecer uma natureza humana pura, uma vez que, a natureza humana que se conhece reflete tanto a natureza do homem como a influência do seu ambiente. Assim sendo, as definições de natureza humana de autores como Spinoza e Hobbes são

arbitrárias e não podem conduzir a conclusões sociais ou políticas válidas. Posto isto, a própria dificuldade do empreendimento e a incerteza do resultado enfatizam o erro de considerar o homem social como o homem natural. Além disso, Montesquieu, em vez de tirar conclusões sociais diretamente das características humanas, argumenta que o conflito surge da situação social: *“As soon as man enters into a state of society he loses the sense of his weakness; equality ceases, and then commences the state of war.”* (Waltz, 2001, p.166).

Para Spinoza e Hobbes, a formação do Estado e da sociedade foi um ato de vontade que serviu como meio para escapar a uma situação intolerável. Da mesma forma, na sua explicação sobre a formação do Estado, Rousseau descreve a mesma como o culminar de uma longa evolução histórica que contém elementos de experiência, interesse percebido, hábito, tradição e necessidade. Realça-se que, nos primórdios do estado de natureza, os homens estavam suficientemente dispersos para que qualquer padrão de cooperação se tornasse desnecessário. Porém, a combinação do aumento do número de pessoas e dos riscos naturais habituais impôs a seguinte proposta: cooperar ou morrer (Waltz, 2001, p.167).

De forma a expor o seu raciocínio, Rousseau usa o seguinte exemplo que serve de ponto de partida para o estabelecimento do governo e que contém a base para a sua explicação do conflito nas Relações Internacionais. Neste exemplo existem cinco homens, com a capacidade rudimentar de se entenderem, que se reúnem num contexto de fome. De modo a saciar a mesma, todos concordam em cooperar na captura de um veado, pois, cada um ficaria com a quinta parte do mesmo. Porém, existe a hipótese de a fome de qualquer um ser saciada por uma lebre e, por conseguinte, um desses homens agarra essa hipótese, acabando por permitir que o veado escape. De uma forma sucinta, conclui-se que o interesse imediato do desertor prevalece sobre a consideração pelos seus companheiros (Waltz, 2001, pp.167-168).

Posto isto, destaca-se que na ação cooperativa, mesmo quando todos concordam com o objetivo e têm o mesmo interesse no projeto, não se pode confiar nos outros. Tal como já foi mencionado, Spinoza associava o conflito à imperfeição da razão humana, análise essa que é contrariada por Montesquieu e Rousseau que propõem que as fontes de conflito não estão tanto nas mentes dos homens como na natureza da atividade social. Por sua vez, Spinoza afirma que, enquanto os homens vivessem em obediência à razão, viveriam necessariamente sempre em harmonia uns com os outros. Por outras palavras,

cada um poderia confiar no comportamento dos outros e todas as decisões seriam tomadas com base em princípios que preservariam uma verdadeira harmonia de interesses. Por conseguinte, Spinoza aponta para a deficiência da razão humana que o impede de tomar decisões coerentes para o interesse de cada um e para o bem de todos (Waltz, 2001, p.168).

Já Rousseau enfrenta o mesmo dilema, na medida que imagina como os homens se devem ter comportado quando começaram a depender uns dos outros para satisfazer as suas necessidades diárias. Por um lado, enquanto cada um satisfizesse as suas próprias necessidades, não poderia haver conflito; por outro, quando a combinação de obstáculos naturais e o aumento da população tornavam necessária a cooperação, o conflito surgia. Observando o exemplo da caça ao veado, poder-se-ia afirmar que a ação unilateral de um homem é motivada por um sentimento de fome, na qual a mesma corresponde a um ato de paixão. Se tivesse optado pela razão, a mesma teria lhe dito que o seu interesse a longo prazo depende de estabelecer a convicção de que a ação cooperativa beneficiará todos os participantes. No entanto, a razão também lhe diz que, se renunciar à lebre, o homem que está ao seu lado poderá abandonar o seu posto para a perseguir, deixando ao primeiro homem a oportunidade de refletir sobre a loucura de ser leal (Waltz, 2001, pp.168-169).

De uma forma geral, para que a harmonia exista na anarquia, não basta ser perfeitamente racional, é necessário também ser capaz de assumir que todos os outros o são. Posto isto, se definir-se a ação cooperativa como racional e qualquer desvio dela como irracional, tem-se de concordar com Spinoza que o conflito resulta da irracionalidade humana. Por sua vez, Rousseau recusa-se a classificar o ato do caçador de coelhos como bom ou mau e também como racional ou irracional, na medida que observou que a dificuldade não está apenas nos intervenientes, mas também nas situações com que se deparam. Assim sendo, embora não se ignore de algum modo o papel que a avariza e a ambição desempenham no nascimento e crescimento do conflito, a análise de Rousseau torna claro até que ponto o conflito aparece inevitavelmente nos assuntos sociais dos homens (Waltz, 2001, pp.169-170).

De uma forma sucinta, a proposição de que a irracionalidade é a causa de todos os problemas do mundo, no sentido de que um mundo de homens perfeitamente racionais não conheceria desacordos nem conflitos, é, como Rousseau implica, tão verdadeira quanto irrelevante. Tendo em conta que o mundo não pode ser definido em termos de perfeição, o problema de como alcançar uma aproximação à harmonia na atividade

cooperativa e competitiva está sempre connosco e não pode ser resolvido através da mudança nos homens. Posto isto, se o conflito é o subproduto da competição e das tentativas de cooperação na sociedade, então não é necessário assumir a autopreservação como a única motivação do ser humano, pois, o conflito resulta da procura de qualquer objetivo (Waltz, 2001, pp.170-171).

Tanto Rousseau como Spinoza e Kant percebem que, no estado de natureza, os homens são governados pelo instinto, pelos impulsos físicos e pelo direito do apetite, sendo que a liberdade é limitada apenas pela força do indivíduo. Assim sendo, os acordos não podem ser vinculativos, dado que na falta de sanções naturais, as leis da justiça são ineficazes entre os homens. Posto isto, alguns homens unem-se, estabelecem regras que regem situações de cooperação e competição e organizam os meios para as fazer cumprir. Por conseguinte, os que estão fora da sociedade organizada, incapazes de cooperar com eficácia, são forçados a seguir o novo padrão e a aceitar os benefícios de uma divisão social do trabalho, pois, não conseguem fazer frente à eficiência de um grupo unido (Waltz, 2001, p.171).

É evidente que, ao passar do estado de natureza para o estado civil, o homem ganha materialmente. Contudo, Rousseau declara com a seguinte passagem que há mais do que ganhos materiais envolvidos: *“The passage from the state of nature to the civil state,” (...) “produces a very remarkable change in man, by substituting justice for instinct in his conduct, and giving his actions the morality they had formerly lacked.”* (Waltz, 2001, p.172) De uma forma geral, antes da instauração do estado civil, o homem desfruta de uma liberdade natural e tem direito a tudo o que pode obter. No entanto, quando se entra no estado civil, essa liberdade é abandonada, sendo a mesma substituída pela liberdade civil e a posse trocada pela propriedade. Além disso, no estado civil, o homem adquire a liberdade moral, na medida que é a única que o torna verdadeiramente senhor de si mesmo, pois, o mero impulso do apetite é escravidão, ao passo que a obediência a uma lei que prescrevemos a nós mesmos é liberdade (Waltz, 2001, p.172).

Na visão de Rousseau, o estado civil contribui para a possibilidade da vida moral, embora o autor conceba essa contribuição de forma mais positiva. Relativamente à condição entre os próprios estados civis, Spinoza regressa à análise que tinha aplicado aos indivíduos no estado de natureza, onde o conflito resultou da razão defeituosa do homem. Por sua vez, Kant regressa à sua análise do conflito original entre os homens, mas neste caso a explicação incluía tanto a natureza das unidades em conflito como o seu

ambiente. Assim sendo, os teóricos do contrato social comparam o comportamento dos Estados no mundo com o dos homens no estado de natureza. Além disso, ao definir o estado de natureza como uma condição em que as unidades ativas, sejam homens ou Estados, coexistem sem uma autoridade acima delas, conclui-se que a mesma pode ser aplicada aos Estados do mundo moderno tal como aos homens que vivem fora de um estado civil (Waltz, 2001, pp.172-173).

Antes de se abordar a descrição de Rousseau sobre o comportamento do Estado entre os Estados, é importante compreender como é que os Estados podem ser descritos enquanto unidades ativas. Posto isto, Rousseau recorre a analogias entre a confiança corporativa e o organismo, sendo que a primeira está implícita na sua afirmação de que o soberano não pode fazer nada que ponha em risco a continuidade do Estado, ou seja, o fim do mesmo é a preservação e a prosperidade dos seus membros. Já a segunda reflete-se na sua afirmação de que o corpo político, tomado individualmente, pode ser considerado como um corpo organizado e vivo, semelhante ao do homem. Por outras palavras, tal como um ser vivo, o mais importante dos seus cuidados é o cuidado da sua própria preservação. Rousseau define ainda com cuidado o que quer dizer quando descreve o Estado como uma unidade completa com vontade e objetivo (Waltz, 2001, p.173).

A este respeito, Rousseau distingue dois casos: os Estados tal como os encontramos e os Estados que deveriam ser. No primeiro caso, esclarece que não se pode presumir que os interesses do Estado e a ação do soberano coincidam, pois, o soberano, longe de se preocupar com os interesses do seu Estado, raramente é movido a não ser pela vaidade e ganância pessoais. Assim sendo, o soberano, desde que tenha poder suficiente, executa a sua vontade como se fosse a vontade do Estado. Isto é evidente em Spinoza que parte do princípio de que, nos assuntos internacionais, o Estado deve ser considerado como agindo em nome de todos os seus membros. Já Rousseau argumenta que, sob certas condições, um Estado concretizará a vontade geral nas suas decisões, ou seja, a mesma será entendida como a decisão do Estado de fazer o que é melhor para os seus membros considerados coletivamente. Por outras palavras, a unidade do Estado é alcançada quando estão reunidas as condições necessárias para a atualização da vontade geral (Waltz, 2001, pp.173-174).

Relativamente à questão de Rousseau sobre quais condições permitirão o Estado alcançar a unidade que tanto deseja, o mesmo afirma que o patriotismo é a base necessária

de um bom Estado. Posto isto, na tribo primitiva, a interdependência económica e a pressão externa produziam a solidariedade do grupo, e Rousseau teme que o espírito da mesma que se encontrava nos grupos sociais ou políticos se tenha perdido. Com a troca de nacionalidades pela existência de apenas europeus, Rousseau afirma que todos têm os mesmos gostos, paixões e moral, porque nenhum recebe das suas instituições nacionais uma formação distintiva do seu carácter, e, por conseguinte, o patriotismo corre o risco de se perder num turbilhão de contra paixões resultantes de interesses sub ou transnacionais (Waltz, 2001, pp.174-175).

De modo a fomentar o patriotismo, Rousseau destaca para o facto de enraizar os valores necessários nas crianças que irão pô-los em prática. Assim sendo, nesse Estado, o conflito é eliminado e a unidade é alcançada, porque a igualdade impede o desenvolvimento dos interesses parciais, que são tão fatais para a unidade do Estado, e a inculcação do sentimento público transmite ao cidadão um espírito de devoção ao bem-estar do todo. Por conseguinte, a vontade do Estado é a vontade geral, pelo que não existe o problema da desunião e do conflito. Em relação ao estudo da política internacional, é conveniente considerar os Estados como unidades ativas, sendo este um ponto importante para qualquer teoria das RI, sobretudo, para a terceira imagem (Waltz, 2001, pp.175-176).

O filólogo Eric Partridge comentou a tendência generalizada dos povos primitivos para se referirem a si próprios como os homens ou o povo, designações que implicam que são melhores do que outros grupos semelhantes, bem como distintos deles. Posto isto, a existência de um patriotismo de grupo não tem qualquer significado especial para a análise até se fundir com a ideia de nacionalidade. Por sua vez, Hans Kohn salienta que o nacionalismo é impossível sem a ideia de soberania popular e que o crescimento do nacionalismo é sinónimo de integração das massas numa forma política comum. Assim sendo, esta integração é o ideal dos escritos políticos de Rousseau, mas este só a considerava possível num espaço estritamente delimitado: a cidade-estado (Waltz, 2001, pp.176-177).

A ideia de nacionalismo não implica que a lealdade à nação seja a única lealdade, pois, nos últimos séculos, tem sido cada vez mais verdade que a maioria das pessoas sente uma lealdade para com o Estado. A força centrípeta do nacionalismo pode, por si só, explicar por que razão os Estados podem ser considerados como unidades. Neste sentido, Rousseau deixou claro que a sua análise se aplica a qualquer um dos dois casos: primeiro, se o Estado for uma unidade que possa, com alguma propriedade, ser considerada

organísmica; segundo, se o Estado é uma unidade apenas no sentido de algum poder no Estado se estabeleceu de tal forma que as suas decisões são aceites como as decisões do Estado (Waltz, 2001, pp.177-178).

Em nome do Estado, é formulada uma política que é apresentada aos outros países como se fosse a vontade geral do Estado. Os dissidentes no seio do Estado são levados por duas considerações: a sua incapacidade de fazer uso da força para alterar a decisão e a sua convicção, baseada no interesse percebido e na lealdade habitual, de que, a longo prazo, é vantajoso para eles alinharem com a decisão nacional e trabalharem nos moldes prescritos e aceites para a sua alteração. De uma forma sucinta, quanto menos bom for o Estado, mais importante é a primeira consideração e, em última análise, a unidade do Estado é simplesmente o poder puro e simples do soberano de facto. Por outro lado, quanto melhor for o Estado, ou então quanto mais nacionalista, mais a segunda consideração é suficiente, e, em última análise, os cidadãos concordam totalmente com a formulação da política externa do governo (Waltz, 2001, p.178).

Em qualquer dos casos, o Estado aparece aos outros Estados como uma unidade e qualquer Estado que não se enquadre nos termos das descrições anteriores poderia deixar de ser considerado uma unidade para efeitos de análise da política internacional. Além disso, se temos um Estado, temos uma política externa, na qual o Estado deve, por vezes, falar numa só voz. No entanto, há outro aspeto que faz com que a nação aja de forma mais consistente como uma unidade: em momentos de crise, especialmente em tempo de guerra, as tentativas de obter um apoio quase unânime à política externa têm mais probabilidades de ser bem-sucedidas. A frente unida é reforçada pelos sentimentos dos indivíduos e pela convicção de que a sua própria segurança depende da segurança do seu Estado. Além disso, é reforçada por ações do Estado que punem os traidores e recompensam os mais eficientes ou os mais patriotas (Waltz, 2001, pp.178-179).

A unidade de uma nação é alimentada não só por fatores endógenos, mas também pelos antagonismos que ocorrem frequentemente nas Relações Internacionais. Esses antagonismos tornam-se importantes não quando resultam em sentimentos de ódio entre indivíduos de países diferentes, mas sim quando o Estado mobiliza recursos, interesses e sentimentos em torno de uma política de guerra. Por sua vez, sentimentos de inimizade previamente incutidos podem tornar mais provável uma política de guerra e aumentar as suas hipóteses de sucesso. Posto isto, um Estado faz guerra a outro Estado, na qual o objetivo da mesma é destruir ou alterar o Estado adversário (Waltz, 2001, p.179).

Perante a questão sobre se a existência de um certo número de Estados bons contribuiria para a paz mundial, existem opiniões distintas: por um lado, Kant responde que sim; por outro, Rousseau responde que não. A razão para a resposta negativa de Rousseau é devido ao facto da vontade do Estado, que na sua perfeição é geral para cada um dos cidadãos, é apenas uma vontade particular quando considerada em relação ao resto do mundo. Tal como a vontade de uma associação dentro do Estado, embora geral para si própria, pode ser errada quando considerada em relação ao bem-estar do Estado, também a vontade de um Estado, embora equitativa para si própria, pode ser errada em relação ao mundo. Posto isto, de modo a alcançar uma vontade geral para o mundo, a particularidade dos Estados separados teria de ser sublimada, tal como Rousseau defende que a particularidade das associações privadas deve ser perdida no Estado (Waltz, 2001, pp.181-182).

Embora a nação possa proclamar que as suas aspirações são legítimas do ponto de vista de todos os Estados, a verdade é que a formulação dos objetivos de cada país será particular e não geral. Sendo este o caso, a ausência de uma autoridade acima dos Estados para prevenir e ajustar os conflitos inevitavelmente decorrentes de vontades particulares significa que a guerra é inevitável. Por conseguinte, se o problema é a anarquia, então só há duas soluções possíveis: primeira, impor um controlo efetivo aos Estados separados e imperfeitos; segunda, retirar os Estados da esfera do accidental, ou seja, definir o Estado bom como tão perfeito que deixará de ser particular. Enquanto Kant tentou chegar a um compromisso, tornando os Estados suficientemente bons para obedecerem a um conjunto de leis às quais deram o seu consentimento voluntário, Rousseau realçou o carácter particular mesmo do Estado bom. A abordagem do mesmo possibilita também uma teoria das RI que explica o comportamento de todos os Estados, sejam eles bons ou maus (Waltz, 2001, pp.182-183).

De uma forma geral, para os indivíduos, a fase mais sangrenta da história foi o período imediatamente anterior à formação da sociedade, sendo que nessa altura perderam as virtudes do selvagem sem adquirir as do cidadão. Por conseguinte, o estado de natureza tem necessariamente um fim marcado por um estado de guerra e é nesta fase que as nações europeias se encontram. Relativamente à causa, questiona-se entre os atos caprichosos dos Estados separados e o sistema em que eles existem, sendo que Rousseau dá ênfase a este último. No entanto, sublinhar a importância da estrutura política não significa que os atos que provocam o conflito e levam ao uso da força não têm

importância, pois, são os atos específicos que são as causas imediatas da guerra, sendo a estrutura geral que lhes permite existir e causar os seus desastres. Por outras palavras, eliminar todos os vestígios de egoísmo, perversidade e estupidez das nações serviria para estabelecer a paz perpétua, mas tentar eliminar diretamente todas as causas imediatas da guerra sem alterar a estrutura da união da Europa é utópico (Waltz, 2001, pp.184-185).

Relativamente à alteração estrutural necessária, Rousseau rejeita a ideia, proposta por Kant, de que uma federação voluntária poderia manter a paz entre os Estados. Por sua vez, Rousseau afirma que o remédio para a guerra entre os Estados deve ser encontrado apenas numa forma de governo federal que deve unir as nações por laços semelhantes aos que já unem os seus membros individuais e colocar todos sob a autoridade da lei. Apesar das perguntas direccionadas às falhas na solução proposta por Rousseau, o mesmo argumenta que os Estados europeus se encontram numa condição de equilíbrio suficientemente ténue para impedir que um Estado ou uma combinação de Estados prevaleça sobre os outros. Por conseguinte, a margem de força necessária recairá sempre sobre a própria federação. De uma forma sucinta, a fraqueza prática da solução recomendada por Rousseau não obscurece o mérito da sua análise teórica da guerra como consequência da anarquia internacional (Waltz, 2001, pp.185-186).

3.1.1. Stephanie Lawson: Kenneth Waltz and the Foundations of Neorealism

Nesta subsecção, pretende-se abordar um capítulo proveniente da obra, *Theories of International Relations: Contending Approaches to World Politics* (2015), de Stephanie Lawson que explica o pensamento de Waltz que é baseado, sobretudo, na anarquia presente no sistema internacional. Posto isto, Lawson destaca a obra de Kenneth Waltz, *Man, the State and War*, que analisa a propensão dos pensadores anteriores, preocupados com a guerra e a paz, para localizar as causas essenciais do conflito na natureza humana. Contudo, na visão de Waltz o problema reside no facto de que os Estados no sistema internacional não têm qualquer garantia de que outros Estados se comportarão pacificamente, podendo assim ser tentados a empreender uma guerra preventiva, na qual atacam numa posição de força relativa em vez de esperar que o equilíbrio de poder se altere. Assim sendo, este problema não está relacionado com o nível do indivíduo nem com a estrutura interna dos Estados, mas sim com a estrutura anárquica do sistema internacional (Lawson, 2015, p.53).

De uma forma geral, Waltz propõe três imagens da política que equivalem a três esferas da existência humana: o indivíduo, a esfera doméstica do Estado e o sistema internacional. A noção de que a guerra ocorre, porque os seres humanos, na visão realista clássica, são perversos, assim como a visão otimista, partilhada por liberais e socialistas, de que os seres humanos podem ser mudados para melhor, relaciona-se com a primeira imagem. Já o caráter do Estado, quer seja, autoritário ou democrático, socialista ou capitalista, pertence à segunda imagem. Embora os indivíduos estejam confinados à esfera doméstica do Estado, conclui-se que o caráter dos Estados não tem qualquer impacto real no seu comportamento internacional. Portanto, é na estrutura anárquica do próprio sistema internacional que reside o problema da guerra (Lawson, 2015, pp.53-54).

De modo a compreender melhor os pressupostos relativos à terceira imagem, Lawson recorre à obra mais influente de Waltz, *Theory of International Politics* (1979). Posto isto, a mesma começa por referir uma visão popular, mas errada, da criação de teorias, segundo a qual estas podem ser construídas indutivamente, através de correlações. Para Waltz, a realidade não é congruente nem com uma teoria nem com um modelo que represente uma versão simplificada da mesma, o que levanta a questão sobre o que é na verdade uma teoria. Por conseguinte, o mesmo sugere que uma teoria é uma imagem mental formada de um domínio particular de atividade, da sua organização e das ligações entre as suas partes, e que esse domínio tem de ser isolado dos outros para poder ser estudado intelectualmente (Lawson, 2015, p.54).

Em relação ao objeto das RI, Waltz afirma que os tradicionalistas, como Morgenthau, tendiam a analisar o campo em termos de padrões de comportamento dentro-fora, ou seja, analisando a forma como a política interna afeta a política internacional e vice-versa. Contudo, quando se procura explicar as continuidades observadas ao longo dos tempos, Waltz defende a relevância atual das ideias hobbesianas mesmo num período de rivalidade entre superpotências com armas nucleares. Assim, segundo o autor, a textura da política internacional permanece altamente constante, os padrões repetem-se e os acontecimentos repetem-se infinitamente. Por outras palavras, a condição duradoura da anarquia explica a semelhança essencial da política internacional ao longo da história (Lawson, 2015, pp.54-55).

Por sua vez, Waltz também elabora os conceitos de equilíbrio de poder e autoajuda num sistema anárquico. Relativamente ao primeiro, observa-se que, como alguns Estados podem, em algum momento, usar a força, todos os Estados devem estar preparados para

fazer o mesmo ou então ficar à mercê de vizinhos mais militantes. Assim sendo, entre os Estados, tal como entre os indivíduos na ausência de governo, o estado de natureza é um estado de guerra. De modo a destacar a diferença entre o uso da força na esfera doméstica e na esfera internacional, Waltz refere o argumento de Weber, no qual os governos, uma vez que, os Estados têm o monopólio do uso legítimo da força dentro das suas fronteiras, organizarão agentes do Estado para lidar com a ocorrência da violência. Por conseguinte, um sistema nacional eficaz em que os cidadãos não precisam de organizar as suas próprias defesas não é um sistema de autoajuda, mas, em contrapartida, o sistema internacional é (Lawson, 2015, p.55).

Continuando no contexto da autoajuda, os Estados preocupam-se com a sua sobrevivência, o que condiciona o seu comportamento. Além disso, preocupam-se com a sua força em relação aos outros Estados e não com qualquer vantagem absoluta. Por conseguinte, esta preocupação limita a sua cooperação com outros Estados, especialmente se significar que podem ficar dependentes deles. Por um lado, os Estados pequenos e com poucos recursos não terão capacidade para resistir à dependência. Por outro, os mais fortes evitarão essa situação, mesmo que para tal tenham de dedicar recursos consideráveis às despesas militares. Embora a anarquia possa parecer atenuada pelo crescimento das instituições internacionais e dos fragmentos de governo que elas proporcionam, esta noção, segundo Waltz, confunde o processo com a estrutura. Por outras palavras, na ausência de um Estado mundial, as condições estruturais essenciais impostas pela anarquia permanecem, ou seja, mesmo que a paz se instale por um longo período, a guerra regressa inevitavelmente em algum momento (Lawson, 2015, p.55).

O que os realistas estruturais procuram sublinhar é que, enquanto a esfera doméstica continua a ser uma esfera de autoridade e de direito, a concorrência e a força são as dinâmicas fundamentais do sistema internacional (Lawson, 2015, pp.55-57). Isto pode ser analisado em termos de *realpolitik*, cujos elementos essenciais são: o interesse próprio que, por parte dos Estados ou dos governantes, constitui a força motriz da ação; as necessidades da política que emana da competição desregulada entre Estados; e os cálculos baseados nestas necessidades que produzem políticas que melhor servem os interesses do Estado. Posto isto, desde Maquiavel, o interesse e a necessidade têm permanecido os conceitos-chave do *realpolitik*, sendo o seu sucesso definido como a preservação e o fortalecimento do Estado (Lawson, 2015, p.57).

Tendo por base o que foi mencionado acima, Waltz estabelece a teoria do equilíbrio de poder e os seus pressupostos fundamentais sobre os Estados, sendo estes atores unitários que, no mínimo, procuram a sua própria preservação e, no máximo, visam o domínio universal. Além do uso de meios que envolvem tanto esforços internos como estratégias externas, esta teoria baseia-se nas motivações e ações presumidas dos Estados, identificando as restrições impostas à sua ação pelo sistema e indicando o resultado esperado em termos de formação de equilíbrios de poder. Por sua vez, Guzzini salienta o cuidado de Waltz em afirmar que o principal objetivo dos Estados é maximizar a segurança e não o poder em si, pelo que o poder é um meio para atingir um fim e não um fim em si mesmo. Isto sugere ainda que os Estados procuram o poder apenas em relação a outros Estados, o que não indica a maximização do poder como uma medida absoluta, mas sim como uma estratégia de equilíbrio (Lawson, 2015, pp.57-58).

De uma forma sucinta, Lawson termina este capítulo com o levantamento das principais características do realismo estrutural de Waltz: explicar, e não apenas descrever, o sistema internacional com base na estrutura dominante imposta pela anarquia, definida pela interação entre as unidades componentes, ou seja, os Estados que procuram sobreviver, e caracterizada pelas distribuições particulares de poder que refletem as capacidades das unidades. Além disso, é a causalidade dentro deste sistema que conta como as diferentes culturas políticas podem moldar a prática da política externa e outras formas de interação entre as unidades. Por conseguinte, esta abordagem sistémica é parcimoniosa, dado que não procura explicar tudo no mundo da política. Posto isto, as ideias de Waltz tiveram um profundo impacto tanto nos estudos de Relações Internacionais como no seu desenvolvimento teórico em particular (Lawson, 2015, p.58).

3.2. Identificação das análises e passagens dos romances

Após ter ficado com uma noção mais clara sobre as características relativas ao terceiro nível de análise definido por Waltz, o foco volta-se para a identificação das análises e passagens provenientes nas obras de Ernest Hemingway e Erich Maria Remarque que validarão estas mesmas características. Além disso, tentarão, por sua vez, demonstrar se esta terceira hipótese consegue ou não responder às perguntas derivadas apresentadas: P1- Quais as causas dos conflitos em Hemingway e Remarque? P2- Quais as causas para a expansão dos conflitos em Hemingway e Remarque?

Tal como ocorre noutros capítulos, o primeiro romance a ser abordado é *A Farewell to Arms*, no qual Hemingway realça de novo os diálogos entre o tenente Frederic Henry e as outras personagens que comentam entre si a forma como a guerra irá acabar e sobre quem irá quebrar primeiro na mesma. Posto isto, destaca-se uma conversa relativa à acusação feita pelo capitão ao padre que consiste no facto do mesmo querer que sejam os austríacos a ganhar a guerra e como o próprio não quer que os italianos ataquem. Perante isto, o padre declara que não é essa a sua vontade e afirma ainda que se há uma guerra, o mesmo supõe que se tem de atacar, ou seja, pode ser aplicada aqui a lógica de que se foi atacado primeiro, parte-se do princípio que se tem o direito de atacar de volta (Hemingway, 1929, p.14).

Num diálogo entre Henry e a Miss Barkley, aborda-se a questão sobre se a guerra irá durar para sempre, dentro da qual ambos têm ideias distintas sobre quem vai quebrar primeiro na mesma. Posto isto, Barkley afirma que será a Itália e a França a quebrar, pois, na sua visão, os líderes não poderiam continuar a fazer as coisas como têm feito, destacando a batalha de Somme¹², e não esperar que cedessem devido à falta de soldados para combater a guerra. Por sua vez, Henry declara que os italianos não quebrarão devido ao sucesso das lutas no verão de 1916 e realça que qualquer um, incluindo os alemães, podem quebrar (Hemingway, 1929, p.20).

De uma forma geral, está presente a ideia de que os Estados no sistema internacional não têm qualquer garantia de que os outros Estados se comportarão pacificamente, existindo a possibilidade de os mesmos ficarem tentados a empreender uma guerra preventiva, na qual atacam numa posição de força relativa em vez de esperar que o equilíbrio de poder se altere. Por outras palavras, como a Áustria-Hungria decidiu, a certa altura, usar a força, a Itália viu-se obrigada a fazer o mesmo ou então ficaria à mercê do seu vizinho mais militante. Além disso, perante um contexto de autoajuda, cada Estado só depende de si para garantir a sua própria sobrevivência, acabando por condicionar o seu comportamento.

Por sua vez, Henry juntamente com alguns mecânicos de ambulância tinham sido destacados para ajudar numa nova ofensiva italiana, porém, o esconderijo onde estavam foi atingido por um morteiro de trincheira. Por conseguinte, o tenente Henry fica

¹² Entre 1 de julho a 18 de novembro de 1916, travou-se uma das maiores batalhas da Frente Ocidental, nas margens superiores do rio Somme, no nordeste de França, cujo objetivo era finalmente dar a vitória aos Aliados e romper o impasse da luta de trincheiras.

gravemente ferido e um dos mecânicos, Passini, morre neste ataque. Após isto, Henry é levado por um motorista inglês para um posto de urgências, de modo a ser visto por um médico. No entanto, Frederic tem um momento empático quando declara que ele pode esperar para ser atendido, querendo dar a sua vez aos soldados que estão em muito pior estado. Contudo, o motorista afirma que o tenente não tem de se armar em herói, porque numa guerra a única coisa que importa é a sobrevivência de cada um (Hemingway, 1929, p.62). Posto isto, surge um diálogo entre Henry e Rinaldi sobre como o tenente poderia vir ser condecorado em consequência do seu ato heroico, embora Henry não concorde, pois, na sua visão, ele não fez nada que merecesse tal distinção:

““Because you are gravely wounded. They say if you can prove you did any heroic act you can get the silver. Otherwise it will be the bronze. (...) Did you do any heroic act?” “No,” (...) I was blown up while we were eating cheese.” (...) “You must have done something heroic either before or after.” (...) “I did not.” “Didn’t you carry anybody on your back? Gordini says you carried several people on your back but the medical major at the first post declares it is impossible.” (...) “I didn’t carry anybody. I couldn’t move.” (...) “I think we can get you the silver. Didn’t you refuse to be medically aided before the others?” “Not very firmly.” “That doesn’t matter. Look how you are wounded. Look at your valorous conduct in asking to go always to the first line.”” (Hemingway, 1929, p.68)

Tendo por base o que foi escrito anteriormente, realça-se que, durante a guerra, era normal condecorar as pessoas que fizessem atos heroicos, ou seja, atribuíam medalhas pela sua conduta em querer ajudar aqueles que mais precisavam. Posto isto, fica claro que, em nome do Estado, é formulada uma política que é apresentada aos outros países como se fosse a vontade geral do Estado, neste caso, a vontade de querer fazer guerra. Por conseguinte, os possíveis dissidentes no seio do Estado deixam-se levar pela sua convicção, baseada no interesse percebido e na lealdade habitual, de que, a longo prazo, é vantajoso para eles alinharem com a decisão nacional e trabalharem nos moldes prescritos e aceites para a sua alteração.

Num diálogo entre o padre e Henry destaca-se duas posições distintas face a este conflito: aqueles que querem a guerra em oposição aqueles que não a querem. Posto isto, conclui-se que prevalece a posição favorável à guerra e os dissidentes não conseguem fazer frente, na medida que são denunciados pelos seus líderes e são obrigados a combater

uma guerra indesejada (Hemingway, 1929, pp.75-76). Em contraste ao parágrafo anterior, os dissidentes no seio do Estado são levados pela sua incapacidade de fazer uso da força para alterar a decisão dos seus líderes ao fazerem a guerra. Além disso, em tempo de guerra, as tentativas de obter um apoio quase unânime à política externa têm mais probabilidades de ser bem-sucedidas, uma vez que, a frente unida é reforçada pelos sentimentos dos indivíduos e pela convicção de que a sua própria segurança depende da segurança do seu Estado. Por sua vez, a mesma é ainda reforçada por ações do Estado que punem os traidores e recompensam os mais patriotas.

Durante a sua estadia no hospital em Milão, Henry fica a saber pelo major inglês que a ambição da Itália em combater três frentes, Bainsizza plateau, San Gabriele e Carso, foi demais, o que culminou na sua derrota que, conseqüentemente, provocou motins tanto em Roma como em Turim devido ao número de mortos. Além disso, realça-se a afirmação do major inglês relativa ao poder da ignorância, ou seja, apesar de todos os contratempos, o último que se apercebe que estava tramado é que ganharia a guerra:

“If they killed men as they did this fall the Allies would be cooked in another year. He said we were all cooked but we were all right as long as we did not know it. We were all cooked, The thing was not to recognize it. The last country to realize they were cooked would win the war.” (Hemingway, 1929, p.142).

Em seguimento com o parágrafo anterior, continua-se com a mesma ideia de que todos os países envolvidos na guerra estão tramados, embora os Aliados tenham aplicado o termo “huno” às forças da Alemanha e da Áustria-Hungria para evocar imagens de um inimigo bestial (Hemingway, 1929, p.143). De uma forma geral, fica evidente a falta que faz uma autoridade que regulasse os comportamentos dos Estados, na medida que se observa uma guerra que cada vez se alastra mais e aparenta não ter um fim. Apesar do aumento do número de soldados mortos em combate, os Estados em questão continuam apenas preocupados com a sua sobrevivência e, como só dependem de si mesmos para alcançar esse objetivo, estão dispostos a usar todos os recursos disponíveis.

De uma forma sucinta, os insucessos do verão de 1917 causaram um impacto na moral das tropas italianas ao ponto de se questionar se aquilo que se tinha feito nesse mesmo verão não tinha sido em vão. Posto isto, a última análise a ser destacada é a retirada de Caporetto, sendo a mesma caracterizada por Hemingway como caótica e

confusa. Assim sendo, Henry e os seus companheiros realçam a ausência de soldados que abandonaram os veículos e as suas posições de combate, permitindo assim que as personagens sejam atacadas por alemães durante esta fuga (Hemingway, 1929, pp.223-225).

Por conseguinte, existiam rumores de soldados alemães disfarçados com o uniforme italiano com o objetivo de tornar ainda mais confusa a retirada e instigar medo e desconfiança entre os soldados italianos (Hemingway, 1929, pp.229-231). A meio do caminho, Piani e Henry ouvem as declarações de um soldado que, por sua vez, interpreta esta fuga como sinónimo de voltar para casa e que a guerra tinha finalmente acabado. Em contrapartida, ambas as personagens não acreditam no fim da mesma, uma vez que, seria bom demais para ser verdade. Piani critica ainda a atitude dos soldados que atiram as suas armas para o chão, porque o próprio afirma que os mesmos estão a ser ingénuos se pensam que o seu superior não os pode obrigar a lutar mesmo que não tenham armas (Hemingway, 1929, pp.234-235).

Por último, chega-se ao clímax desta retirada quando o tenente Henry é abordado por um grupo de jovens militares que tinham dois objetivos, lidar com os supostos alemães infiltrados, e saber se os oficiais tinham abandonado as suas tropas, sendo a maioria executada por estes jovens. Tendo como base a sua sobrevivência, Henry decide desertar o exército italiano, declarando, por sua vez, uma paz separada:

“I was obvioulsy a German in Italian uniform. I saw how their minds worked; if they had minds and if they worked. They were all young men and they were saving their country. The second army was being reformed beyond the Tagliamento. They were executing officers of the rank of major and above who were separated from their troops. They were also dealing summarily with German agitators in Italian uniform.” (Hemingway, 1929, p.240)

De uma forma sucinta, a anarquia presente no sistema internacional é visível também a nível interno nesta retirada, na qual as instituições que mantinham a ordem entre os indivíduos parecem ter-se desmoronado e, através do conceito da autoajuda, estes soldados preocupam-se somente com a sua sobrevivência. Além disso, a lealdade que outrora houve para com o Estado nacional e o alinhamento com a sua política externa parecem não existir mais, pois, as palavras de ordem são agora de paz, na medida que as pessoas chegaram ao seu limite face a esta longa guerra perpetuada pelo seu governo.

Apesar da presença de algumas figuras de autoridade que procuram instaurar alguma ordem, a verdade é que as mesmas abusam do poder que possuem. Por conseguinte, tal como os Estados no sistema internacional, os indivíduos aparentam estar desprovidos de um governo que regule os seus comportamentos.

Por sua vez, Remarque destaca de novo no seu romance, *All Quiet on the Western Front*, os diálogos partilhados entre Paul Bäumer e as outras personagens que relembram entre si a altura em que se alistaram para o exército e a forma como as ideias incutidas nos mesmos desmoronaram após experienciarem os horrores da guerra. Assim sendo, Paul e os seus colegas de turma alistaram-se de forma voluntária devido às palestras do seu diretor de escola, Kantorek, que perpetuava um discurso nacionalista sobre a importância do dever. Porém, um colega de turma de Paul, Joseph Behm, hesita em alistar-se, mas acabou por ser persuadido, porque o mesmo não queria ser ostracizado nem chamado de cobarde pelos próprios pais. Realça-se ainda duas posições sobre a guerra: por um lado, tem-se aqueles que não têm a noção do que lhes espera e expõe alegria em combater a guerra; por outro, as pessoas simples e pobres são as mais sábias devido ao facto de saberem que a mesma é uma tragédia (Remarque, 2023, p.18).

Posto isto, estes jovens percecionavam os seus superiores como guias do dever e do futuro, sendo que Paul e os outros associavam a ideia de autoridade aos mesmos devido à sua sabedoria. No entanto, a primeira morte que viram quebrou esta crença e, por conseguinte, o primeiro bombardeamento mostrou o seu erro em confiar nestas figuras, pois, o mundo que os próprios ensinaram partiu-se em pedaços. Apesar da desilusão causada pela dura realidade da guerra, a verdade é que nenhum destes jovens pensa em fazer motins ou mesmo desertar, mostrando assim a sua lealdade para com a pátria (Remarque, 2023, pp.19-20).

Por conseguinte, está presente a ideia de Rousseau relativa ao patriotismo ser a base necessária de um bom Estado, ou seja, a ideologia perpetuada nos discursos das figuras de autoridade, neste caso o diretor de escola, procura incutir o patriotismo nestes jovens, de modo que os mesmos demonstrem a sua lealdade para com o Estado. De acordo com a terceira imagem, afirma-se que como os Estados podem, a qualquer momento, usar a força, todos os Estados devem estar preparados para fazer o mesmo ou então ficarão à mercê de vizinhos militantes. Posto isto, em nome do Estado alemão, elaborou-se uma política externa baseada na guerra, dentro da qual os dissidentes deste Estado são levados

pela sua convicção, baseada no interesse percebido e na lealdade habitual, de que, a longo prazo, é vantajoso para eles alinharem com a decisão nacional.

Relativamente à resolução do conflito, existem duas posições diferentes: por um lado, Katczinsky que afirma se todos recebessem o mesmo, a guerra acabaria num dia; por outro, Kropp, que é um pensador, propõe uma declaração de guerra entre os ministros e generais dos países envolvidos, na qual discutiam entre si dentro de uma arena e quem sobrevive-se, o seu país é que seria o vencedor (Remarque, 2023, pp.45-46). Além disso, destaca-se a seguinte passagem em que Kat declara que o homem, na primeira oportunidade, agarra a hipótese de ter mais autoridade sobre os outros:

“And if you give a man a little bit of authority he behaves just the same way, he snaps at it too. The things are precisely the same. In himself man is essentially a beast, only he butters it over like a slice of bread with a little decorum. The army is based on that; one man must always have power over the other. The mischief is merely that each one has much too much power.”
(Remarque, 2023, p.48)

Com base no que escrito acima, a anarquia presente no sistema internacional leva a que cada Estado dependa de si para garantir a sua própria sobrevivência e, em tempo de guerra, as tentativas de obter um apoio quase unânime à política externa têm mais probabilidade de ser bem-sucedidas. Posto isto, a frente unida é reforçada pelos sentimentos dos indivíduos e pela convicção de que a sua própria segurança depende da segurança do seu Estado. Assim sendo, o Estado alemão decide recompensar os mais patriotas ao atribuir-lhes posições de autoridade para manter favorável à sua narrativa de guerra, embora as personagens em questão já tenham deixado de concordar há muito com a política externa decidida pelos seus líderes.

Num diálogo entre Müller e Kropp comenta-se o que cada um faria em tempo de paz e levanta-se a questão sobre se alguém deixar-se-ia levar de novo pelo discurso persuasivo de Kantorek, na qual a resposta é negativa (Remarque, 2023, p.86). Por outras palavras, se fosse agora, ninguém cairia na armadilha de se alistar voluntariamente devido às suas experiências na guerra de trincheiras, tornando-se em dissidentes do Estado que se oporiam ao apoio nacional por uma guerra desejada pelos seus líderes. No entanto, expõe-se a seguinte passagem sobre como estes jovens que, perante a sua incapacidade

de fazer uso da força para alterar a decisão do Estado alemão, apenas se conformam com a situação que vivem atualmente:

““Two years of shells and bombs—a man won’t peel that off as easy as a sock.” (...) “The war has ruined us for everything.” (...) We are not youth any longer. We don’t want to take the world by storm. We are fleeing. We fly from ourselves. From our life. We were eighteen and had begun to love life and the world; and we had to shoot it to pieces. The first bomb, the first explosion burst in our hearts. We are cut off from activity, from striving, from progress. We believe in such things no longer, we believe in the war.””
(Remarque, 2023, pp.89-90)

Durante um treino para voltar a estar apto para a linha da frente, Paul destaca a prisão russa existente ao lado do campo e o próprio comenta que os prisioneiros russos parecem ser tão bondosos como os camponeses alemães. Além disso, Bäumer descreve o estado físico dos mesmos, no qual o próprio acha angustiante vê-los a implorar por comida (Remarque, 2023, pp.184-185). Posto isto, Paul gostaria de saber mais sobre estes prisioneiros com o intuito de ter alguma simpatia pelos mesmos, contudo, isso não acontece, deixando o próprio com a percepção de que estes prisioneiros representam o sofrimento da criatura, a terrível melancolia da vida e a impiedade dos homens (Remarque, 2023, pp.187-188). Por último, destaca-se a seguinte passagem:

“A word of command has made these silent figures our enemies; a word of command might transform them into our friends. At some table a document is signed by some persons whom none of us knows, and then for years together that very crime on which formerly the world’s condemnation and severest penalty fall, becomes our highest aim. But who can draw such a distinction when looks at these quiet men with their childlike faces and apostles’ beards. Any non-commissioned officer is more of an enemy to a recruit, any schoolmaster to a pupil, than they are to us. And yet we would shoot at them again and they at us if they were free.” (Remarque, 2023, p.188)

De acordo com a terceira imagem, o facto de os Estados estarem apenas preocupados com a sua sobrevivência, leva a que o seu comportamento seja condicionado e, por conseguinte, os mesmos usarão todos os recursos disponíveis, uma vez que, não existe nenhuma autoridade superior que regule os seus comportamentos. Posto isto,

durante o período de guerra era comum haver prisioneiros da mesma, na qual os mesmos eram usados para manter o esforço de guerra exercido pelos Estados envolvidos, independentemente de serem vidas humanas inocentes que apenas seguiam as ordens dos seus líderes.

Durante o seu tratamento de uma ferida causada por um bombardeamento, Paul descreve o dia a dia no hospital que consiste na morte de soldados e como as suas camas são ocupadas de imediato devido ao aumento de feridos que chegam de todas as partes da guerra, ao qual as próprias freiras têm dificuldade em acudir (Remarque, 2023, p.250). Além disso, Bäumer destaca que este cenário ocorre em centenas de milhares de hospitais na Alemanha, França e Rússia e o mesmo critica como é que os líderes que estão na posição de poder, apesar de terem uma cultura tão avançada, não conseguem evitar o massacre de milhões de soldados provocado por uma guerra sem sentido (Remarque, 2023, p.252). Posto isto, expõe-se a seguinte passagem na qual Paul salienta que tanto a sua geração como as gerações dos outros países envolventes experienciam os horrores da guerra:

“I am young, I am twenty years old; yet I know nothing of life but despair, death, fear, and fatuous superficiality cast over an abyss of sorrow. I see how peoples are set against one another, and in silence, unknowingly, foolishly, obediently, innocently slay one another. I see that the keenest brains of the world invent weapons and words to make it yet more refined and enduring. And all men of my age, here and over there, throughout the whole world see these things; all my generation is experiencing these things with me.”
(Remarque, 2023, pp.252-253)

De uma forma geral, está presente a afirmação de Rousseau sobre o facto de que um certo número de Estados bons não é indicador de paz mundial, na medida que nenhum dos Estados envolvidos está a representar a vontade geral, mas sim a sua vontade particular. Assim sendo, a ausência de uma autoridade acima dos Estados para prevenir e ajustar os conflitos inevitavelmente decorrentes de vontade particulares significa que a guerra é inevitável. Por conseguinte, este conflito de vontades, que é também impulsionado pela anarquia no sistema internacional, resultou na guerra que este romance retrata que, por sua vez, acusa os cérebros mais perspicazes dos Estados envolvidos inventarem armas e discursos que tornam a guerra ainda mais refinada e duradoura.

A última análise a ser destacada é sobre o verão de 1918, no qual todos têm noção que a Alemanha está a perder a guerra, mas, embora desprovida de homens e munições, os seus líderes continuam a perpetuar a campanha da mesma (Remarque, 2023, p.270). No entanto, surgem rumores de um possível armistício que trará consigo a tão aguardada paz, no qual Paul realça a possibilidade de haver uma revolução, caso o mesmo provasse ser uma ilusão (Remarque, 2023, p.277). Em seguimento desse pensamento, destaca-se a seguinte passagem relativa a uma afirmação Paul:

“Had we returned home in 1916, out of the suffering and the strength of our experiences we might have unleashed a storm. Now if we go back we will be weary, broken, burnt out, rootless, and without hope. We will not be able to find our way any more.” (Remarque, 2023, pp.277-278)

De uma forma sucinta, a assinatura de um possível armistício demonstra que as vontades particulares dos Estados, que outrora quiseram a guerra, tornaram-se numa vontade geral em que todos os envolventes concordam em colocar um fim na mesma. Por conseguinte, os dissidentes no seio do Estado alemão que, até então, tinham apoiado a política externa levada a cabo pelos seus governantes, revelam o seu verdadeiro desejo assente na paz, pois, os mesmos acreditam que se tornou incompreensível a perda de milhões de soldados que lutaram por uma guerra sem sentido.

Conclusão

O presente capítulo providencia uma explicação sobre as características do terceiro nível de análise de Kenneth Waltz. Por conseguinte, foram identificadas as análises e passagens nas obras literárias de Ernest Hemingway e Erich Maria Remarque que, por sua vez, procuraram validar as características e ainda responder às perguntas derivadas apresentadas.

Assim sendo, pode-se afirmar que, tanto em Hemingway como em Remarque, o “Sistema Internacional” é uma das causas de conflitos e também uma das causas de expansão dos mesmos, demonstrando assim que a terceira hipótese consegue responder às perguntas apresentadas. No entanto, seria prematuro concluir que apenas este terceiro elemento em questão, tal como os outros dois, fosse suficiente para satisfazer as mesmas. Posto isto, a próxima secção abordará a parte conclusiva da dissertação, na qual se pretende desenvolver em mais pormenor determinados pontos.

Conclusão

Para além de se fazer uma síntese conclusiva de todo o trabalho, nesta secção pretende-se, com base na investigação, abordar de forma mais ampla o tema tratado, destacando quatro pontos: em primeiro lugar, como se relaciona com a área de especialização; em segundo lugar, que contribuições à literatura a pesquisa adiciona; em terceiro lugar, como se respondeu às hipóteses e/ou validou-se o argumento; e por último, constrangimentos na investigação e caminhos para pesquisas futuras na mesma área.

Relativamente ao primeiro, é necessário entender como se chegou à seleção do tema abordado nesta dissertação. Posto isto, quando se pensa em Relações Internacionais, que é a área de especialização, a lista de temáticas é infinita, dificultando de certo modo a escolha de uma. Após alguma ponderação e de modo a relacionar com a área de estudo das RI, optou-se por selecionar uma lente que pudesse fornecer uma nova perspetiva às Relações Internacionais. Assim sendo, a escolha recaiu sobre a literatura de guerra que, por sua vez, aborda a temática das RI em explicar as causas que levam à ocorrência dos conflitos.

Porém, este tema continuava a ser muito geral, sendo então necessário escolher um conflito em concreto, no qual o mesmo seria a operação militar relativa à Primeira Guerra Mundial (1914-18). De uma forma sucinta, o tema abordado é a compreensão de que forma a literatura de guerra pode contribuir para explicações nas Relações Internacionais e, por conseguinte, a definição do objeto de estudo é a análise de duas obras literárias marcantes, escritas em países antagónicos, sobre a I GM, na qual pretende-se fazer uma comparação de elementos essenciais na literatura de RI.

Por sua vez, o segundo ponto desenvolve em mais pormenor as contribuições que a pesquisa adiciona à literatura de Relações Internacionais. De forma a perceber essas contribuições, foi importante entender primeiro a interação entre a literatura e as RI, uma vez que, a área dos estudos literários era percecionada com alguma desconfiança pela ciência política e as Relações Internacionais, pois, achavam que os estudos literários não conseguiam contribuir para o estudo da política internacional. Após isto, o foco voltou-se para o conflito em questão, conhecido também como a Grande Guerra, que foi um fenómeno que abalou o mundo no século XX devido à guerra de trincheiras que matou milhões de soldados através da nova tecnologia.

Sendo este um conflito cujo as causas já foram estudadas por diversos especialistas do domínio de RI, existe pouca margem para abordar algo de novo que já não tenha sido tratado. Contudo, é exatamente neste pensamento que surge a ideia de usar a literatura de guerra com o objetivo de proporcionar um ponto de vista sobre a operação militar que pudesse contribuir para a literatura das Relações Internacionais. Por conseguinte, recorreu-se a dois romances, considerados como os melhores sobre a I GM, que foram escritos pelo americano Ernest Hemingway e pelo alemão Erich Maria Remarque, sendo ambos publicados em 1929.

De uma forma geral, estes romances contribuem tanto para explicações das RI como com conhecimento para a análise específica de literatura de Primeira Guerra Mundial. No entanto, de modo a demonstrar essas contribuições, foi necessário evidenciar a instrumentalização dos excertos das obras literárias com um racional da especialização em Relações Internacionais. Posto isto, recorreu-se aos três níveis de análise definidos por Kenneth Waltz na obra *Man, the State and War*, com o intuito de usar os mesmos como hipóteses para as perguntas derivadas apresentadas que consistiam em analisar as causas que provocavam o conflito assim como as causas de expansão do mesmo tanto em Hemingway como em Remarque.

Com base no que foi escrito acima, o terceiro ponto procurou aprofundar mais detalhadamente a forma como se respondeu às hipóteses propostas na dissertação, demonstrando ainda se o argumento foi ou não validado. Tal como já foi mencionado, as hipóteses surgem através dos três elementos básicos de Waltz que correspondem, por sua vez, ao “Comportamento Humano”, à “Estrutura interna dos Estados” e ao “Sistema Internacional”. Por conseguinte, houve a identificação das análises e passagens provenientes das obras com as características do pensamento de Waltz, de modo a expor se cada uma destas hipóteses conseguia ou não responder às perguntas derivadas sobre as causas de conflitos assim como as causas de expansão dos mesmos nos dois romances.

Apesar de retratarem frentes distintas do conflito, a verdade é que as duas obras em questão expõem duas visões diferentes sobre como a I GM afetou toda uma geração que se perdeu numa guerra sem sentido. De uma forma geral, pode-se afirmar que existem análises e passagens referentes às características dos três níveis de análise que demonstram que cada uma destas hipóteses consegue de facto responder às perguntas apresentadas. Embora se tenha afirmado nas sínteses conclusivas dos capítulos de que seria prematuro declarar que apenas uma hipótese seria suficiente para satisfazer as

perguntas derivadas, não se pode negar a predominância de uma delas. Posto isto, os dois autores argumentam que a causa de haver guerra e de a mesma continuar a se expandir advém da estupidez e da maldade provenientes do comportamento e da natureza humana dos seus líderes que estão na posição de poder.

De uma forma sucinta, apesar da predominância do primeiro nível de análise nas obras, torna-se imperativo a presença dos outros dois níveis, na medida que os três elementos se complementam de forma a proporcionar uma análise mais completa relativa às causas dos conflitos e às causas de expansão dos mesmos. Deste modo, pode-se validar o argumento relativo à forma como a literatura de guerra pode contribuir para explicações nas RI, pois, através do uso de duas obras literárias marcantes, a mesma fornece uma perspetiva baseada, sobretudo, no comportamento humano que é complementado pelos outros elementos. Por conseguinte, este argumento poderá ser útil na área de estudo das Relações Internacionais, quando os especialistas precisarem de mais uma prova que aponte a natureza humana, auxiliada pelas estruturas internas do Estado e pelo sistema internacional, como a causa principal da Primeira Guerra Mundial.

Por último, aborda-se constrangimentos na investigação e caminhos para pesquisas futuras na mesma área. Relativamente ao primeiro, poder-se-ia destacar dois constrangimentos: por um lado, a definição total do tema que, apesar de já estarem escolhidos os romances em questão, não tinha um rumo claro sobre quais as diretrizes a seguir; por outro, relativo à pesquisa de outras fontes bibliográficas que, embora não tenha tido complicações no geral, realça-se o facto de não se ter acrescentado um segundo autor a seguir à Stephanie Lawson, pois, ao invés de encontrar um em que se explica-se também o pensamento de Waltz, deparava-se antes com críticas ao mesmo. Através da forma como o campo dos estudos literários demonstrou que a literatura de guerra pode contribuir para explicações nas RI, abre a possibilidade de, em futuras pesquisas para a área de Relações Internacionais, se recorrer a outros domínios que possam fornecer diferentes perspetivas sobre determinados fenómenos estudados por esses mesmos especialistas.

Bibliografia

Fontes primárias

Hemingway, E. (1929). *A Farewell to Arms*. Charles Scribner's Sons.

Remarque, E. M. (2023). *All Quiet on the Western Front*. [eBook edition]. (A. W. Wheen Trans). Fawcett Crest. Social Studies.
https://www.glscott.org/uploads/2/1/3/3/21330938/aqwf-book_20size.pdf

Fontes secundárias

Babík, M. (2019). *The Poetics of International Politics Fact and Fiction in Narratives Representations of World Affairs*. Routledge.

Burchill, S., Reus-Smit, C., Linklater, A., et al., (2005). *Theories of International Relations*, Palgrave Macmillan.

Eksteins, M. (1980). All Quiet on the Western Front and the Fate of a War. *Journal of Contemporary History*, 15(2), 345-366. <http://www.jstor.org/stable/260517>

Fortunati, V. (2004). THE IMPACT OF THE FIRST WORLD WAR ON PRIVATE LIVES: A COMPARISON OF EUROPEAN AND AMERICAN WRITERS (FORD, HEMINGWAY, AND REMARQUE). *International Ford Madox Ford Studies*, 3, 53-64.
<http://www.jstor.org/stable/44871227>

Hutchison, P. (1929, September 29). *Love and War in the Pages of Mr. Hemingway*. The New York Times.
<https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/99/07/04/specials/hemingway-farewell.html?scp=29&sq=beyond%2520guns&st=cse>

Lawson, S. (2015). *Theories of International Relations: Contending Approaches to World Politics*. Cambridge: Polity Press.

O'Hara, J. (1950, September 10). *The Author's Name is Hemingway*. The New York Times.
<https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/99/07/04/specials/hemingway-river.html>

Reynolds, M. (1999, July 11). *Hemingway in Our Times*. The New York Times. <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/99/07/04/specials/hemingway-reynolds.html>

Spencer, A. (2016). *Romantic narratives in international politics: Pirates, rebels and mercenaries*. Manchester University Press.

Taras, R. (2013). Why We Need the Novel: Understanding World Politics Through Literature. *The Fletcher Forum of World Affairs*, 37(2), 185–195. <http://www.jstor.org/stable/45289596>

The New York Times. (1964, July 26). *Their World Was Ending, But Few Knew It; In 1914, the peoples of Europe marched to war as if to a fete; its cost is still being paid*. <https://www.nytimes.com/1964/07/26/archives/their-world-was-ending-but-few-knew-it-in-1914-the-peoples-of.html>.

The New York Times. (1970, September 26). *Erich Maria Remarque Is Dead; Novels Recorded Agony of War*. <https://www.nytimes.com/1970/09/26/archives/erich-maria-remarque-is-dead-novels-recorded-agony-of-war-erich.html>

Waltz, K. N. (2001). *Man, the State and War: A Theoretical Analysis*. Columbia University Press.